O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 16 DE MARÇO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:451

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Reforma administrativa.—Carta politica.—A bolsa ou a vida.—O novo codigo administrativo.—Nobilissimo.—A reforma administrativa e os padres.—O dia de S. José.—Noticias do estrangeiro.—Noticiario.—Reforma administrativa.—Congresso nacional de tuberculose.—O nosso artigo.—Um sonho.—Duas palavras sobre a arborisação das dunas em Portugal.—Carta de Ceia.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Communicados.—Secção litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta do Porto.—Carta da Mealhada.—Carta de Pardilhó.

AVEIRO

Reforma administrativa

III

E' porém singular a sanha dos ministros contra os municipios. Suppõem elles que fallam no deserto, e que ninguem ouve os seus pregões desmoralisadores, pois expressam o desconhecimento dos proprios deveres. Assim dizem elles para justificarem as suas apostasias:

«Se, pois, se obliteram estes preceitos, exagerando-se as faculdades dos corpos administrativos, são tambem inevitaveis os mais perigosos e repetidos excessos, conflictos de melindrosa resolução, invasões de attribuições alheias, perturbação dos serviços administrativos, ruina da fazenda local e prejuizo dos interesses publicos.»

Tudo isto allega o executivo na sua reforma, não vendo que dá em si mesmo. Para todos esses abusos, inventados adrede para dar cabo das instituições municipaes que ao paiz tamanha copia de serviços tem prestado, tinha um governo que fosse serio e honesto o necessario correctivo no Codigo de 1886. Lá se acham consignadas providencias de molde para contrapôr a quaesquer invasões de attribuições, que podessem comprometter remotamente sequer a fazenda local, ou affrontar a lei reguladora dos serviços municipaes.

Junto de cada vereação funcciona o administrador do concelho, que assiste ás sessões, que requer, que faz propostas e que recorre para a auctoridade superior do districto sempre que a camara proceda arbitrariamente ou de modo contrario á lei. Dizia isto o Codigo de 1842, repetiu-o o de 1878, e consignou-o bem explicitamente o de 1886. E se taes disposições não se tornavam effectivas, a culpa era dos delegados do poder central, que não queriam ou não sabiam cumprir a lei. Já se vê por tanto que a palinodia cae pela baze, e que até inventando os ministros foram infelizes. O mesmo succedia com a camara municipal de Lisboa. Os defeitos não eram da legislação de 1885, nem do remodelamento de 1891. A culpa está exclusivamente na entidade que se chama governo. Se as vereações faltaram ao cumprimento dos seus deveres, o ministro do rei a quem pertence o direito e a obrigação de tutellar os interesses legitimos dos municipes, porque não oppoz o seu veto, sempre que a administração municipal não exercia legalmente o seu mandato? Porque é que o governo consentia ou tolerava esses abusos, porque os sanccionava com a sua indifferença, e depois, muito depois de ter dado a sua auctorisação expressa, vem com a palinodia, que assenta exclusivamente sobre a responsabilidade ministerial?

Singular incorrecção que se assoalha com tamanho cynismo. Porque é cynico o procedimento do governo. Segundo elle, tolerou e admittiu tudo quanto os municipios quizeram fazer. Deu-lhes margem para que elles praticassem os abusos que enumerou na parte citada do seu palavroso relatorio sem lhe occorrer sequer, que junto do veneno havia o antidoto e, que ás considerações a que se abordoava para se aniquilar a iniciativa e as faculdades dos municipios, o culpado de todos os excessos incriminados e de que formou a base da centralisação mascavada, com que ameaçou os concelhos, era o ministerio do reino, representado nos districtos e nas pequenas circumscripções pelos governadores civis e pelos administradores. E é com taes capitulladas, que attestam a corrupção que parte do alto, que o chamado governo de força pretende uzurpar as garantias populares, tyranisando as localidades, extinguindo concelhos que contam seculos de existencia, sem prever os transtornos e sacrificios que semelhante reforma vae impor ás populações que distanciadas das cabeças de comarca, terão de ahi ir para pagar os impostos eventuaes, para requerem perante a camara e administração do concelho, finalmente para uzarem dos seus direitos sempre que a sua presença for indispensavel para salvaguardar os seus interesses.

E quanto custa isto ao povo? Alem de se ver despojado das suas regalias locaes, terá de pagar o imposto que a supressão concelhia lhe vae fatalmente exigir pois que ainda que o transporte seja modico terá de percorrer muitas vezes o mesmo caminho, alem do que tem de dispender na sua alimentação fóra do lar, e sem metter em linha de conta os salarios ou a despeza em honorarios de toda a especie, o que lhe duplicará os encargos provenientes da conservação da autonomia local. A isto acresce, que as franquias municipaes são limitadas pela reforma, e que o municipio ficará reduzido a um espantalho proprio só para divertir os conselheiros de corôa.

O proprio relatorio que estamos analysando chama á tutella que impõe aos municipios, *impertinente e violenta*. E é-o, e demasiado vexatoria, sem ser preciso agora ver as circumstancias. E se o codigo de 1878 foi demasiado descentralisador, veio corrigil-o em parte o de 1886, não havendo por tanto rasão plausivel para as restricções constantes da célebre ordenança de 2 do corrente. Mas o que causa engulho ainda ao mais somenos manuseador da nossa legislação administrativa, é allegar se no relatorio que o governo é mais respeitador da liberdade e da autonomia das corporações locaes, que o codigo de 1886 e que o decreto de 6 d'agusto de 1892!... E isto porque limita as faculdades de tutella, sem lhe occorrer sequer, que collocando os administradores de concelho sobre o coração das vereações, não as deixa respirar, porque concede direitos aos seus delegados de confiança, para a execução das quaes ha de fatalmente sacreficar-se a vida local. E isto nas circumscripções que forem sédes comarcãs, porque nas restantes, que ficarem subsistindo, e que serão poucas, visto que o intuito ministerial é acabar com os pequenos concelhos, os presidentes das vereações serão tambem delegados do poder central!... Producto hybrido manipulado pelo despotismo ignaro, que supõe que Portugal recuou para os tempos em que a vara de ferro fazia do rei o reflexo do sol de Versalhes, como se D. José I podesse ser um Luiz XIV, com quanto o marquez de Pombal fosse superior o Colbert.

Os tempos, porém, degeneraram, e o logar de chanceller é agora exercido pelo sr. João Franco, a quem não negamos intelligencia, mas a quem faltam aptidões e engenho para implantar no paiz o regimen absoluto. A épòca é muito differente. E se a brandura dos costumes tornou improficua a acção deprimente do executivo, se o descredito dos homens affecta infelizmente as instituições, pois se supõe que o mal reside n'ellas em vez de provir exclusivamente dos seus executores, o esforço ministerial logra apenas desprestigiar a realeza, vendo todos n'ella a origem dos aggravos e das terriveis calamidades que n'este momento historico affrontam e assoberbam a nação portugueza.

Iremos pois em artigos successivos desfiando o que a reforma administrativa contem de mais nocivo para a administração e para os administrados, e chamando sobre as suas incongruencias e erros de doctrina e de facto a attenção de quantos se interessam pelo desenvolvimento e prosperidade do *ninho seu paterno*, como dizia o grande épico, que é uma das glorias da patria.

CARTA POLITICA

LISBOA 15 DE MARÇO DE 1895.

Parece que os augures ministeriaes se acham em desacordo com os deuses, pois que as suas previsões foram desmentidas pelas tubas do olympo. A reforma eleitoral está ainda incubada. Não podia por tanto achar-se já na imprensa para correr mundo. Pois segundo consta aos entendidos nem sequer chegou ainda a ser discutida em conselho de ministros, como podia ella ser publicada antecipadamente na folha official?

Consta que d'este trabalho está incumbido o dr. Pereira da Cunha, que é official da repartição da instrucção publica e que foi governador civil de Faro. Este cavalheiro, que me asseguram ser habil funccionario, ha de elaborar o seu trabalho consoante as instrucções do chanceller do Alcaide, ficando a pertencer-lhe apenas a parte material. O que sahirá d'aqui ninguem o pode dizer, mas a avaliar pela reforma administrativa, crê se geralmente que teremos obra mais nitida que a da celebre ordenança de 2 março.

E' verdade que o *Diario Popular* declarou já, que semelhante reforma nunca se faria. Mas será verdadeira esta versão? Tambem se diz que depois do que se passou nos dias 7, 8 e 9 do corrente estabeleceram-se outras correntes superiormente. Assim será, mas como velho marinheiro que sou, não vejo ainda a nuvem, em cujo ventre se occulta o raio que ha de fulminar o colosso de cabeça de chumbo e pés de barro. Que a situação está abalada fundamentalmente, nem os proprios arautos o negam, antes confirmam nas palestras intimas. Que o mal estar é geral e ninguem tem confiança no que está é isso tão axiomatico, que até o confessa a ala dos namorados, isto é os que formam a corte ao dictador-mór do reino. Que toda a gente tem a consciencia de que semelhante estado de cousas não pode prolongar-se, tambem é do dominio publico. O que virá depois, é que ninguem trata de saber. Ao que todos aspiram é á mudança de homens e de principios de administração porque o que está é uma excrescencia de ruim caracter. As reformas militares estão aggravando escandalosamente a despeza publica. Decretou-se o limite da edade para promover o proprio titular da guerra. Esta ambição desapoderada comenta-se muito desfavoravelmente, porque o thesouro está pobre, e o contribuinte não pode pagar mais. Deixem abrir-se o cofre para a contribuição industrial em Lisboa e Porto, e verão os protestos e a indignação publica subirem de ponto. E de mais a mais temos em prespectiva um anno de fóme. Só para comprar cereaes no estrangeiro será preciso uma importação superior a 7:000 contos em ouro. Aonde irá buscal-os a especulação?

O governo porém não pensa n'isto, porque enfermou de politiquice. E' reforma administrativa, para sujeitar e reduzir as localidades. Virá depois a reforma eleitoral para ter uma camara composta de servos da gleba. Ora aqui está a missão unica d'esta gente. E quando a corda estourar, conhecerá então a corôa, que os ministros lhe prepararam consciente ou inconscientemente a perturbação, que ha-de impellir a mornachia até ao abysmo.

A solução não pode ser outra. E quanto mais caminha o tempo, mais se precipitam os acontecimentos.

W.

A bolsa ou a vida

O governo, na sua constante preoccupação de cavar a ruina das instituições, depois de ter arrastado a honra nacional pela lama de todas as degradações mais humilhantes, prepara-se ainda para levar a fome, a miseria e o luto a toda a parte.

A começar pela vexatoria iniquidade do fisco, que leva á mais desprotegida e pobre classe d'esta terra tudo o que ella ganha á custa muitas vezes do sacrificio da propria vida, vem exigir-lhe agora o pagamento de multas que são uma monstruosidade revoltante e um verdadeiro attentado contra a miseria, porque os infelizes não ganharam no anno findo o preço vil porque lhe matriculam os barcos, que são o seu ganha-pão.

Ha na nossa beira-mar familias numerosas, em cuja habitação se amontôam como cogumellos. Verdadeiramente horrivel, aquella promiscuidade forçada em que vivem, respirando todos o mesmo ar viciado e insalubre, sobre os juncos verdes que servem de soalho ao miseravel albergue, sem roupa, sem outro calor mais que não seja o da lareira, quando, ainda assim, a falta d'uns magros cavacos e de caruma se não faz sentir tambem.

Outros ha que, mais infelizes ainda, fazem dos pequenos bateis em que arrastam a vida amargurada o proprio lar; e alli vivem, n'aquelle fragil pedaço de madeira, mal calafetada de estopa e breu, que lhes serve muitas vezes de esquife sobre as aguas, o dourado berço dos filhos queridos, e em que resumem toda a sua fortuna, todos os seus haveres. Estes nem casa teem, os malaventurados! Alli vivem, alli amassam o pão negro de cada dia, tendo por tecto o manto negro da noite, quando a tempestade, que lhes rebenta na prôa, os não ameaça subverter, e por leito o dorso marulhoso das aguas, frio leito de morte ás vezes, e abysmo permanente para que os arrasta o destino e a sorte descaroavel que persegue os desgraçados.

Pois é a estes infelizes, pobres parias das aguas sem conforto, que os homens do governo se lembram agora de ferir ainda sobre todos os infortunios, e ou arrancam do corpo os negros farrapos que lhe substituem a camisa que não teem, ou deixam morrer de fome os filhos pequeninos porque os encarceraram n'uma prisão. E' para isto que se manteem no poder os homens que nos governam. Foi para isto que o sr. D. Carlos os chamou alli, e é por isso que lhes faculta a sua confiança. Mal iria aos aventureiros de todas as especies, se aos degraus do throno subissem alguma vez os lamentos dos desgraçados ou as preces dos moribundos, porque alli só o coração feminino tem rasgos de verdadeira abnegação e magestosos lances da mais acrisolada virtude. Esse sim, que edificou no seio dos pequenos e dos humildes o mais inabalavel altar de affectos e de respeitos. Esse sim, que conquistou pela magnanimidade dos feitos não a corôa de rainha, que actos que não são seus fazem estremecer-lhe na fronte aureolada, mas a corôa nobilissima de mãe dos desamparados, de esteio da velhice e de amparo dos desvalidos.

Mas o que agora se pretende arrebatar aos infelizes pescadores da nossa terra, toma as proporções d'um verdadeiro e audaciosissimo latrocinio. Elles, que não tem ganho para comer, elles que andam ahi esfomeados, semi-nús, esmolando o pão da caridade, elles que quasi arrancam do corpo sem descanço o sangue com que amamentam os filhos, hão de obrigar-se ao pagamento de uma multa cujo valor já não teem os desconhavados bateis em que arriscam mil vezes a vida n'um momento, e só porque não tiveram no anno anterior o necessario para a matricula a que uma iniquidade governativa os força annualmente! Perguntamos ao paiz se isto pode ser, se este estado atterrador e monstruoso de coisas pode continuar, e se espera ainda por que o governo d'el rei acabe d'uma vez com tudo isto para se desaffrontar d'uma vez tambem de tantos vexames soffridos e tamanhas affrontas arremeçadas.

Entretanto, pedimos ao nobre governador civil do districto se amercie mais uma vez da sorte dos desgraçados, e empenhe em seu favor todo o seu alto valimento. Em nome d'elles, e porque ficamos certissimos de que sua ex.ª empenhará n'esta causa de caridade todos os seus esforços, o antecipado agradecimento a que tão generosa acção terá direito.

O que se pede é pouco. E' que se não exijam multas aos pobres que por falta de meios não matricularam os seus miseros barcos. Que lhe levem o preço da matricula—embora—mas a multa de mil reis, porque carregam com a excommunhão da fome e da miseria... é apenas horrivel.

O NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

A conhecida livraria editora do sr. A. José Rodrigues, de Lisboa, acaba de fazer a publicação do novo codigo administrativo, o parto laborioso e immoralissimo do sr. João Franco, ministro e rei d'este paiz.

Sabe já toda a gente quaes as disposições liberticidas d'essa monstruosidade dictatorial, que não será nunca considerada lei, e que é mais um documento revelador das tendencias absolutistas dos dois poderes do Estado em evidencia, triste evidencia, que ha de produzir necessariamente, e certamente em curto espaço, os seus naturalissimos resultados.

Esse tristissimo diploma é o mais audacioso attentado de que ha memoria nos registos da mais desavergonhada dictadura, um abysmo de perdição em que se pretende lançar a administração do paiz, e um monumental descalabro nas garantias, de seculos estabelecidas e respeitadas, dos cidadãos.

O que isso é, essa anomalia indecorosa, esse documento aviltante, pelo qual o poder imaginou premir nas mãos traiçoeiras a dignidade nacional, não ha palavras que o definam. Mas, porque é retrogado, porque é anti-liberal, porque é attentatorio, porque significa um vexame e porque traduz uma affronta mais para esta pobre terra portugueza, não pode ser, não deve ser, não ha de ser convertido em lei.

A provincia, com uma firmeza de caracter e altiva dignidade que sobremaneira a honra, vae protestar, até á resistencia, contra a medida hedionda e selvagem, que se preparou para aniquillar a existencia dos povos.

Não ha ahi uma unica camara que não proteste, e bem fazem as ligitimas representantes do povo que trabalha e lucta, levando longe, como é seu proposito, esse protesto. Para a frente é que é o caminho, e parar será morrer. A' insistencia dos despotas, que se opponha a resistencia da soberania popular. E' a lucta pela vida, e n'ella não haverá covardes nem medrosos. Um por todos e todos por um, que é esse o dever d'esta heroeca raça portugueza. Ella manterá assim o seu bom nome e as suas gloriosas tradições, sobre que os dirigentes do paiz não passarão impunemente.

E' mister que o saibam, e, podem crêl-o, não ficará n'um simples artigo a affirmação. Ella ha de fazer-se pela fórma mais digna d'um povo das nossas tradicções, acreditem-n'o os altos poderes do Estado.

A's administrações dos diversos concelhos do districto, chegaram já os questionarios a que cada um por si terá de responder. E' uma especie de pergaminho inquisitorial, n'uma impressão de lama, em que os desconchavos polulam, e em que apenas falta o acrescento das palavras consagradas de *crê ou morres*, para completar o pensamento avariado do auctor damninho. Tal questionario vae certamente levantar o espirito publico, e até que ponto subirá a onda da indignação popular, ninguem o sabe dizer. O dia de ámanhã é perfeitamente um mysterio para todos. O que será d'este pobre paiz? Estamos inquestionavelmente sobre um vulcão temeroso. Mas não o entende assim a corôa, que conserva no poder, contra a opinião do paiz inteiro, os homens que a desacreditam e malquistam, que só tractam de aggravar os males da patria e que teem arrastado lá fóra o seu credito pelas ruas da amargura. Ha de accordar, por força, do letargo impertinente em que se conserva, mas ha de ver então que é já mais tarde do que supunha. E pouco viverá quem o não vir.

Nobilissimo

O illustre governador civil do districto, sr. visconde d'Alemquer, a quem o infortunio dos pobres pescadores da nossa terra tem maguado profundamente, não descança na meritoria cruzada de valer-lhes e de promover em seu favor todos os soccorros possiveis.

Assim, acaba s. ex.ª de dirigir-se ao sr. marquez de Franco, por carta em que, com superior criterio e verdadeira mestria pinta as cores negras da desgraça a que o inverno subjeitou os infelizes, e pedindo para elles a esmola que decerto a boa alma do nobre titular não poderá negar-lhes.

São d'estes rasgos nobilissimos que enaltecem o caracter dos homens da tempera do sr. visconde d'Alemquer, fidalgo de coração, fidalgo de nascimento e fidalgo de virtudes.

A REFORMA ADMINISTRATIVA E OS PADRES

Não vemos que haja pela reforma administrativa incompatibilidade entre os ecclesiasticos e os corpos administrativos. E se elles podem ser pares do reino e deputados, tambem podem ser membros das commissões districtaes e das juntas de parochia; já, porém, assim não é com respeito ás camaras municipaes, salvo melhor ou razão mais forte.

Nas camaras municipaes distribuem-se certos misteres ou pelouros, estando alguns pouco em harmonia com o caracter sacerdotal; mas já assim não é na commissão districtal e junta de parochia, onde se tratam de materias muito da sua competencia e que estão em harmonia com o seu caracter sacerdotal, como são os orçamentos e contas das juntas de parochia e irmandades; não podendo negar-se-lhe a competencia em taes assumptos.

Não somos singular no nosso modo de dizer, porque a reforma diz no artigo 445:—*Não ha nenhuma incompatibilidade para o serviço dos corpos administrativos, alem das expressas designadas na lei*; e a lei não exclue os ecclesiasticos. Onde a lei não distingue, não devemos nós distinguir; é um preceito de hermeneutica.

DIA DE S. JOSÉ

Tambem S. José lucrou com a dictadura, sendo por um decreto elevado a dia santo de guarda o dia do seu nome, não falhando d'esta vez a noticia como das outras vezes. Já não vem sem tempo, porque o breve de Sua Santidade a tal respeito estava na secretaria da justiça, talvez ha 4 annos, durante os quaes houve varios ministros da justiça, sendo um d'elles o sr. bispo de Bethsaida, commissario geral da Bulla da Santa Cruzada; pois nem esse se lembrou de S. José. Mas, emfim, lá appareceu um com mais devoção do que o sr. bispo de Bethsaida, que se lembrou de S. José, apesar de se chamar Antonio, e ainda bem; e a dictadura approvou a lembrança e ahi está o dia de S. José dia santo de guarda; ainda assim não a contento d'aquelles que lamentam não poder trabalhar em tal dia, tendo levado os outros em divertimentos com que nada utilisam a alma e que estragam o corpo, e que se pode chamar zelo pharisaico. S. José pagará.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Em Hespanha ha grandissimas apprehensões ácerca da sorte do cruzador *Reina Regente*, que sahiu d'um dos portos d'aquella nação com destino a Tanger, conduzindo a embaixada marroquina. Ora succede que o terrivel temporal que se desencadeou ha dias deve ter surprehendido o *Reina Regente* pelas alturas do estreito de Gibraltar. Succede ainda mais que n'uma das praias hespanholas appareceu a tabella das bandeiras pertencente ao cruzador, circumstancia que veiu augmentar a affiição das familias dos 400 tripulantes que o barco levava. Os jornaes expõem a hypothese de ter sido alijada parte da carga do *Reina Regente*, para se defender da tempestade, mas esta hypothese não consegue socegar os animos d'aquellas pessoas.

O *Reina Regente* é um barco de 5:000 toneladas, de solida construcção e em excellentes condições de navegabilidade.

Madrid, 15.—A unica esperança ácerca do cruzador *Reina Regente* é que, tendo augmentado o temporal, se houvessem inutilisado as machinas ou os helices, ficando fóra da derrota, sem poder navegar, ou fazendo-o lentamente, quando o tempo amainasse. O cruzador levava muito pouco carvão. Estranha-se que, se tivesse naufragado, o mar não arrojasse os cadaveres, como fizera á bitacula e ás obras mortas.

Ainda sobre o assumpto que está affectando gravemente o sentimento dos nossos visinhos, o telegrapho diznos o seguinte:

Madrid, 14. — Camara dos deputados. — O sr. Sagasta, presidente do conselho, respondendo a uma pergunta a respeito da desapparição do cruzador *Reina Regente*, tendo a bordo 400 homens de tripulação, leu differentes telegrammas que annunciam terem sido encontrados em differentes pontos das costas destroços d'um navio de guerra; crê pois provavel o naufragio do cruzador, sem todavia affirmar coisa alguma. Varios deputados trataram de exigir a responsabilidade do sinistro; outros porém opposeram-se, dizendo que não é por emquanto occasião d'isso. O sr. Carvajal, republicano, sustentou que a catastrophe foi devida ao augmento do peso da artilheria á prôa do cruzador. A opinião geral é que o navio sossobrou, perecendo toda a tripulação. Reina geral consternação, sobretudo em Cadiz e Carthagena, d'onde os tripulantes eram quasi todos naturaes.

Dos outros paizes não ha nada digno de menção especial.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Reassumiu as suas funcções de escrivão e tabelião d'esta comarca o sr. Leandro Augusto Pinto de Souto, que se acha completamente restabelecido. O incommodo do sr. Souto foi geralmente sentido porque o honrado funccionario é um caracter digno a todos os respeitos.

— Fez annos ante-hontem o nosso bom amigo e considerado proprietario local, sr. José Antonio Pereira da Cruz, a quem felicitamos.

— Está já quasi completamente restabelecido, o que deveras estimamos, o nosso sympathico amigo, sr. Evaristo de Moraes Ferreira. Vem a proposito perguntar se o attentado de que foi victima ficará impune.

Fallecimento. — O sr. João Antonio Alves, não é já do numero dos vivos. Surprehendeu-nos a noticia do seu fallecimento, pois que nem sequer do incommodo que lhe originou a morte, os seus amigos tiveram conhecimento. Foi, pois, um successo inesperado o que motivou a morte do honrado e prestimoso cidadão, que deixou de existir. O sr. João Antonio Alves não era natural d'Aveiro: era dos Arcos de Val de Vez. Viera para aqui ainda moço. Mais tarde casou-se com uma sr.ª já viuva, nossa patricia, filha predilecta d'um antigo amigo nosso, sr.ª que soube ser esposa exemplar como havia sido filha extremosa e digna. Negociante de credito, sempre honrado e pontual no cumprimento das suas obrigações sociaes, sabia ser amigo e aos que o eram não faltou nunca com o seu prestimo, que era bastante. Nunca deixou d'acudir aos que o procuravam e muitas vezes sem interesse, levado apenas pela ideia do bem. Correcto e modesto no seu viver, comprazia-se em dar trabalho a quem o precisava e lh'o pedia, e muitas obras fez por ahi em predios que comprou e em que empregava braços, valorisando ao mesmo tempo a cidade. Inteiramente inoffensivo, não tinha um unico inimigo, tendo aliás amigos verdadeiros e nós eramos d'esses, pois que jámais, nas pugnas politicas que aqui se deram, deixamos de o ter ao nosso lado, com todos os elementos de que dispunha.

Perdemos, pois, um amigo, cuja falta profundamente lamentamos; perdemos nós um amigo e perdeu a sociedade um cidadão prestimoso e util.

A sua extremosa viuva e a sua virtuosa cunhada, sr.ᵃˢ a quem nos prendem laços de velha e respeitosa amisade, já herdada de seus progenitores, acompanhamos na sua profunda dôr.

Mas se dos bons é o reino do Céo, o amigo, cuja falta lamentamos, está na presença de Deus.

Obito.—Falleceu ha dias na capital o venerando ancião o sr. Ruberto Duff, pae do sr. Visconde de Champlimaud Duff, e da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Maria Ignez Champlimaud Duff, distincta e respeitabilissima directora do conceituado collegio de Santa Joanna d'esta cidade, a quem apresentamos os nossos mais sentidos protestos de condolencia. O illustre fallecido era um exemplar de bondade, de caridade e de virtudes. A sua alma está na presença de Deus.

Promoção.—Foi promovido a coronel de estado maior de infanteria, o nosso presado amigo e dignissimo official do exercito, sr. Francisco Rodrigues do Rego. Caracter são e nobilissimo como é, assentam bem na sua farda honrada os galões que pelos seus meritos acabam de ser-lhe dados. Felicitamol-o cordealmente.

Azylo-Escola Districtal.—Vão brevemente ser substituidos os actuaes vestuarios das duas secções do Azylo-Escola Districtal de Aveiro. Era isso de esperar da prestante iniciativa do vereador d'esse importante pelouro municipal, o sr. dr. Alvaro de Moura, que se não cança de introduzir os melhoramentos possiveis na utilissima instituição a que se consagrou com um affecto digno dos maiores louvores. Os actuaes fardamentos, veem já desde o começo d'ella. Além de menos agradaveis á vista, são até menos proprios d'uma instituição d'esta natureza. Assim o entendeu o illustrado vereador, e porisso vae realisar-se essa modificação. A secção *Barbosa de Magalhães* vae ser fardada á marinha, mas rigorosamente fardada, de panno azul ferrete, canôas e chapeus, e a secção *José Estevam* por forma mais acceiada e correcta tambem, tirando-se-lhe o aspecto quasi de pobreza que actualmente tem. E' uma modificação importante, e para que dão perfeitamente as economias realisadas na administração zelosa e dignissima do sr. dr. Alvaro de Moura, que, sem faltar á mais pequena exigencia, creando, desenvolvendo, multiplicando e transformando utilissimamente tudo aquillo, tem sabido governar sempre com grandes saldos em todas as auctorisações orçamentaes.

Damos a noticia com prazer, pois nos é grato louvar sempre quem tanto e tão rigorosamente o merece.

Recenseamento.—Concluiram-se no concelho d'Aveiro os trabalhos do recenseamento politico.

Diz se tudo em abono da rectidão com que a commissão procedeu, affirmando-se, que nem uma reclamação appareceu contra os seus trabalhos. E' unico, mas é honroso e digno.

A commissão é composta exclusivamente de correligionarios nossos.

Artista recommendavel.—Esteve hontem e hoje n'esta cidade o sr. Ferreirinha Senior, artista de merito, e que pela franqueza e lealdade com que trata se torna digno da mais geral acceitação. O sr. Ferreirinha esteve aqui tomando encommendas de carimbos de borracha, pois que tem do genero um dos primeiros estabelecimentos do Porto, estabelecimento com relações em todo o paiz, pois que em muitas das principaes povoações commerciaes d'elle existe obra sua.

O seu escriptorio é na rua de Passos Manuel, n.º 132, e a firma é, como se diz no annuncio que publicamos em outro logar, Ferreirinha & Filho. Recommendar estabelecimento de tanto credito, e artistas tão justamente considerados, é acto de justiça apenas.

Gymnasio Aveirense.—Por iniciativa d'esta incansavel aggremiação local, realisa-se ámanhã, se o tempo d'esta vez o não impedir, o *match* de *football* entre Ilhavo e Aveiro.

Bonne chance!!—Os socios velocipedistas do *Gymnasio* vão reunir brevemente para elegerem o *guia* e *sub-guia* da mesma secção. Ainda este mez sahirão em passeio official, sendo o itenerario o seguinte: Aveiro, Ponte da Rata, Mourisca, Albergaria, Angeja, Aveiro. Ao todo 55 kilometros.

O *Gymnasio* promove actualmente a corrida do Porto a Lisboa, com o concurso de todos os clubs velocipedicos do paiz. E', como acima dizemos, incansavel, esta florescente e util aggremiação. Honra lhe seja porisso.

Apenas justo.—Sobre o provimento definitivo na cadeira de S. Bartholomeu, o *Districto de Coimbra*, de hontem, escreve o seguinte:

«Acaba de ser provido vitaliciamente na cadeira complementar de S. Bartholomeu, d'esta cidade, o sr. Duarte Mendes da Costa, professor temporario da mesma cadeira. Este despacho foi inteiramente justo e de todo o ponto merecido, porque o sr. Mendes Costa é um professor digno a todos os respeitos. Além do seu comportamento exemplarissimo e da sua provada illustração, o sr. Mendes Costa cumpre ponctualmente com muito zelo e dedicação as funcções do magisterio, que sempre tem exercido nobremente. Os nossos sinceros parabens.»

Apenas justo.

Apreciação justa.—O *Jornal d'Extremoz* aprecia nos seguintes termos o merecimento de um empregado digno:

> Pela sua promoção a escrivão de fazenda em concelho de 2.ª ordem, foi transferido para o concelho de Villa Verde, o sr. José Maria Monteiro Ferraz, que, no nosso concelho, desempenhou as funcção de identico cargo. Durante o periodo de um anno approximadamente, que este dignissimo empregado publico, aqui permaneceu; com tanta egualdade, zelo, probidade e delicadeza se desempenhou da sua espinhosa missão, que todos os contribuintes d'este concelho lastimam a transferencia de tão honesto e bemquisto empregado, que na sua passagem pela repartição de fazenda d'esta comarca, apenas deixa aos habitantes, as mais gratas lembranças pelo seu proceder correctissimo, e aos seus muitos amigos, com quem iniciou relações, as mais saudosas recordações pela nobreza das suas qualidades pessoaes. Largo futuro e vida prospera, muito cordealmente desejamos ao sr. Monteiro Ferraz, a quem nos ligaram sempre os mais devotados sentimentos de consideração, respeito e amisade.

O que acaba de lêr-se é apenas homenagem divida ao honrado e intelligente funccionario de que se trata.

Reclamações—Excedem a 6:000 as reclamações apresentadas ás commissões de recenseamentos do Porto—tão *puro* foi o trabalho das commissões regeneradoras alli. Nunca se viu, em assumptos politicos, uma indecencia assim.

Feira de março.—Está muito adianto o respectivo abarracamento, que é n'este anno maior.

Feira de S. José.—Já tem chegado alguma madeira de pinho, castanho, e outras, com destino á feira annual, que se realisa aqui no proximo dia 19 do corrente, e ainda se espera mais.

Mercado de sal.—Como o tempo melhorou, ante-hontem, hontem e hoje, tem-se carregado grande quantidade de wagons de sal, que segue para differentes pontos, conforme as ordens recebidas pelos srs. expedidores. As chuvas impediram por muito tempo o trafego d'este genero, que agora vae saindo. O preço é que é ainda o mesmo—16$000 reis o barco de 15:000 litros, nas eiras, ou 14$000 reis o wagon de 10:000 litros, posto na estação.

Noticias de Portalegre.—Em 15.—O sr. Delphim Augusto Rezende Murteira, amanuense do governo civil d'esse districto, acaba de ser aqui inspeccionado, por isso que requereu a sua aposentação. O sr. Delphim Murteira estava agora em Fronteira e é por isso que a sua inspecção sanitaria se verificou aqui. Demais será dizer que a junta o julgou completamente incapaz de qualquer serviço.

Reforma administrativa

☞ E' do *Conimbricense* de 12 do corrente o artigo que segue:

Em quasi todos os actos politicos do actual governo se manifesta a mais pronunciada tendencia para annular todas as garantias liberaes. Estamos a voltar para o tempo dos governos absolutos e para tudo o que elles tinham de mais odioso. A reforma admnistrativa ultimamente publicada é mais um documento da compressão que se pretende exercer nos direitos e liberdades dos cidadãos portuguezes.

Excede-se ahi até as disposições mais vexatorias do codigo administrativo de 1842. Segundo esse codigo os magistrados ou funccionarios administrativos não podiam ser demandados civil nem criminalmente por factos relativos ás suas funcções, sem auctorisação previa do governo. Por esta forma as auctoridades administrativas podiam praticar os actos mais arbitrarios e despoticos contra os cidadãos, na certeza de ficarem impunes,pois que como para se proceder contra ellas era mister auctorisação previa do governo nunca se concederia essa auctorisação porque o fim que quasi todos os governos têm em vista é proteger essas auctoridades administrativas que podiam praticar os actos mais arbitrarios e despoticos contra os cidadãos, na certeza de ficarem impunes, pois que como para se proceder contra ellas era mister auctorisação previa do governo, nunca se concederia essa auctorisação, porque o fim que quasi todos os governos teem em vista é proteger essas auctoridades. De modo que todo o cidadão estava sujeito ao despotismo das auctoridades,emquanto que ellas ficavam livres de ser punidas, porque os cidadãos vexados não podiam proceder contra ellas. Esta disposição era tão iniqua e revoltante,que foi abolida nas subsequentes reformas administrativas.

Estava, porém, reservado para o actual governo, além de restaurar essa odiosissima disposição, amplial-a, determinando não só que nenhum cidadão possa proceder sem auctorisação previa do governo contra a auctoridade administrativa, em desaggravo da infracção da lei que contra elle se tenha praticado; mas até esse procedimento do cidadão é prohibido, ainda mesmo que a auctoridade já tenha deixado de funccionar! E' o requinte da arbitrariedade governamental,e o mais audacioso atropelamento dos direitos dos cidadãos. Por este exemplo se póde avaliar o que é a tal reforma administrativa, e o proposito em que se acha o governo de suffocar todas as garantias civicas. Então os ministros que ahi se acham no poder julgam que foi para isto que os liberaes luctaram por muitos annos contra o absolutismo, derramando o seu sangue nos campos de batalha? Que muitos milhares d'elles soffreram toda a qualidade de tyrannia nas prisões do reino? Que muitissimos andaram homiziados,tendo os seus bens sequestrados, vendo-se as suas familias nas circumstancias de morrerem de fome? Que centenares de martyres da liberdade foram enforcados e fusilados?

Enganam-se completamente.

Para os liberaes a questão dynastica era apenas um accessorio, indispensavel n'aquella época. Aquillo por que tanto elles soffreram e luctaram era para annullar os altos privilegios, o imperio do fanatismo, e o systema absoluto existente, estabelecendo-se em Portugal as garantias a que o povo tinha direito. Absolutismo com D. Miguel, ou absolutismo com D. Pedro e sua filha D. Maria II, era sempre absolutismo. E se querem restaurar esse systema, sejam francos e arranquem a mascara, para que a nação fique sabendo para onde a querem levar.

CONGRESSO NACIONAL DE TUBERCULOSE

Sobre o assumpto o *Conimbricense* de 12 escreve o seguinte.

24 A 27 DE MARÇO DE 1895

A' CIDADE DE COIMBRA

No proximo dia 24 de março, para sempre memoravel nos factos das sciencias medicas por uma excepcional descoberta, inaugurar-se-ha n'esta cidade um congresso nacional de tuberculose. Este acontecimento, á vista superficial quasi indifferente, prende-se entretanto com os interesses mais vitaes da saude e da riqueza das populações, que a molestia devasta inexoravelmente.

A commissão promotora do congresso, composta de alumnos da Faculdade de Medicina, e presidida por um dos seus professores, tomou a deliberação de communicar directamente a festa á *cidade de Coimbra*. Não só pelo interesse geral que o congresso naturalmente deve despertar, mas por outras circumstancias que facilmente saltam aos olhos, a commissão não podia esquecer-se de praticar este dever de cortezia. Vae n'elle tambem incluido um convite, que facilmente se comprehende. Esta cidade decerto não quererá perder o ensejo de commemorar um facto que ha de ser de grande alcance na historia das sciencias patrias, nem de demonstrar ao paiz o gráu de cultura, em que timbra a Athenas portugueza — *recebendo pela fórma mais condigna e propria de sua velha galhardia* — os homens de sciencia que dentro das suas portas vêm reunir este soberano parlamento, onde se estudarão com devantada serenidade e humanitario altruismo os meios de guerrear sem treguas o mais terrivel inimigo da vida humana.

Coimbra, 8 de março de 1895.

Dr. Augusto Antonio da Rocha, presidente. *Antonio Baptista Leite de Faria*, 1.° secretario. *Luiz dos Santos Viegas*, 2.° secretario, *Augusto Cymbron Borges de Sousa*, thesoureiro. *Virgilio Affonso da Silva Poiares; Arthur de Azevedo Leitão, João Serrão e Silva, Antonio de Padua, Victor José de Deus, Ernesto Rodolpho Alves de Castro, João Evangelista Soares da Cunha e Costa.*

*

Ainda do *Conimbricense* e sobre o assumpto:

ADHESÕES

Augmenta successivamente o numero das adhesões ao proximo congresso nacional de tuberculose. O nosso respeitavel amigo, o sr. conselheiro dr. José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado da Faculdade de Medicina, de que foi distincto ornamento, apezar de não poder vir assistir ao congresso em razão da sua avançada edade e incommodos de saude, adheriu ao mesmo congresso, manifestando quanto folgava com este acto, que muito honrará a Universidade, e que de muito proveito pode servir para a sciencia. O sr. Macedo Pinto é merecidamente considerado, não só pelo seu nobilissimo caracter, mas pelos serviços relevantes que tem prestado com as suas valiosas publicações. Por isso a adhessão do antigo e illustradissimo professsor de Medicina é de muita valia moral para o congresso. Do concelho da Figueira da Foz adheriram ao congresso os srs. bachareis Francisco Maria de Lima e Nunes, Joaquim da Silva Cortesão, José dos Santos Pereira Jardim e Francisco Nogueira de Carvalho. Tambem adheriu o sr. bacharel Herminio Soares Machado, de Verride, concelho de Montemór-o-Velho. O veterinario sr. Corrêa Mendes, solicitou auctorisação á direcção geral de agricultura para vir assistir ao congresso da tuberculose,sendo-lhe já concedida essa auctorisação. Emfim de toda a parte se recebem as mais lisonjeiras noticias com respeito ao congresso.

*

Mais ainda do *Conimbricense* sobre o assumpto:

OFFERTA

Referimo-nos em o numero passado á generosa offerta do illustre prelado d'esta diocese á commissão nacional de tuberculose. Vamos hoje publicar o respectivo officio do sr. bispo conde, assim como o officio da referida commissão. São dois documentos muito honrosos, e dignos de aqui ficarem registados.

Ill.mo e ex.mo sr. — A nossa ausencia d'esta cidade por motivo infelizmente bem sabido, só agora nos permitte accusar a recepção da circular que a illustre commissão promotora do congresso nacional de tuberculose teve a bondade de nos enviar. No interesse e empenho que temos sempre por tudo quanto aqui se faça de que possa resultar ou importancia e consideração para Coimbra, ou progresso para as sciencias, ou beneficio para a humanidade, não podemos deixar de louvar e applaudir este congresso por nos parecer que d'elle hão de provir estes tres resultados; e fazemos votos ao Céu para que assim aconteça. Sendo nós, porém, completamente estranho ao assumpto do mesmo congresso, em que não nos devemos intrometter, temos a circular que nos foi enviada unicamente como delicadeza e deferencia para comnosco, que muito agradecemos. Todavia, referindo-se a mesma circular tambem aos meios e recursos necessarios para a realisação de tão grande empreza, póde ser que a illustre commissão que a promove, deseje que nós tambem lhe prestemos algum auxilio pecuniario com o pouco que podemos, e, sendo assim, póde aqui mandar receber, quando lhe aprouver, a quantia que julgar necessaria para tal fim até á de 100$000 réis, que pomos á sua disposição com muito gosto. Deus guarde a v. ex.ª— Coimbra, 5 de março de 1895.—Ill.mo e ex.mo sr. presidente da commissão promotora do congresso nacional de tuberculose. — *Manuel, Bispo Conde.*

—

Commissão promotora do congresso nacional de tuberculose—Coimbra. — N.° 36. — Ex.mo e rev.mo sr. — Tenho a honra d'accusar a recepção do honroso officio de v. ex.ª com data de 5 do corrente, e de agradecer a alta prova de deferencia que elle significa para com esta commissão promotora. E' nosso dever acceitar reconhecidamente a offerta generosa de v. ex.ª. Os sobejos das despezas com o congresso, havendo-os, são por esta commissão destinados a continuar ininterruptamente os seus trabalhos por meio de alguma instituição de caracter permanente que torne mais effectivos e mais fecundos os nossos esforços. N'esse sentido será presente ao congresso proposta adequada. Por isso é que esta commissão se penhorou mui particularmente com a superior comprehensão e justiça com que v. ex.ª se dignou apreciar os seus projectos. Opportunamente teremos a honra de avisar v. ex.ª do dia e hora em que compareceremos no paço episcopal, o presidente e o thesoureiro da commissão, para receber o donativo de v. ex.ª e agradecel-o pessoalmente. Deus guarde a v. ex.ª.—Coimbra, 6 de março de 1895.—Ex.mo e rev.mo sr. bispo conde de Coimbra. O presidente, *Augusto Antonio da Rocha*. O secretario, *Antonio Baptista Leite de Faria.*

O NOSSO ARTIGO

Pertence tambem ao *Conimbricense* o seguinte:

Tem produzido enorme effeito o nosso artigo do numero passado—*Assim o querem, assim o tenham.*

Na integra, ou em parte tem já sido transcripto pelos nossos collegas da *Resistencia*, de Coimbra; *Seculo*, *Dia*, *Vanguarda*, *Folha do Povo*, *Diario de Noticias* e *Correio da Noite*, de Lisboa; juntando-lhe esses collegas commentarios, que manifestam a conta em que tem o referido artigo.

Um nosso prezado amigo d'esta cidade, ancião de 83 annos de edade, e cidadão muito considerado, dizia no sabbado ao terminar a leitura do nosso artigo. «Associei-me na minha mocidade com os liberaes que pugnavam pela Carta Constitucional, na crença de que as suas disposições seriam fielmente cumpridas. Agora, porém, em presença dos attentados que o governo está praticando contra as garantias liberaes, acho-me necessariamente de accordo com a doutrina do *Conimbricense*, e ao lado do seu redactor Martins de Carvalho. Estou velho, mas não hei de ver impassivel escarnecer dos homens que luctaram pela causa da liberdade. Ao terminar a vida vejo-me nas fileiras republicanas, para onde me arremessaram esses absolutistas, que estão no poder: a responsabilidade é d'elles.» Isto é authentico.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

UM SONHO

Um cavalheiro que muito consideramos dirige-nos a seguinte carta:

Digne-se, meu amigo, consentir, que eu, velho impertinente de v., desterrado por vontade propria, n'estes pantanos, e aqui mesmo, na forçada misanthropia em que me acho, e no forçado respeito (interino) ao despotismo mais feroz, venha de novo incommodal-o, pedindo a v. a publicação do escripto junto—UM SONHO—no *Campeão das Provincias*. Qualquer que seja a resolução de v. sou sempre

De v. etc.

12—3.°—95.

M. L. de F. P.

—

UM SONHO

Ai! Portu-Cale, Portu-Cale, qual foi a tua sorte, e qual seria o teu fim, se as armas de fogo não tivessem, já, um preço tão reduzido, e se as touceiras não fossem, ainda, abundantes na producção de fueiros, e cabos de enxada?

Ai! Portu-Cale, Portu-Cale, que seria de ti, se tivesse acabado a raça dos heroes dos remotos tempos, esses *impavidos varões assignalados*, que compraram com o proprio sangue a independencia e a liberdade da patria, e se ainda existissem as hordas—Brandonica e Cáca—que tanto sangue innocente fizeram correr no *patibulo* dos criminosos, e que tanto *papão* (perdidos) guindaram ás alturas de *Poncios*, embora estes abutres da critica, e dos direitos individuaes, não devessem saír, nunca, d'um açougue, ou d'uma cocheira?

Ai! Portu-Cale, Portu-Cale, se um dia, o direito da força (previsto e punido pelos artigos 69, 315, 316, 317 e 318, do novo codigo de justiça militar) te arrastar aos degráos da forca, não chores o teu sangue, derramado aos pés do *carrasco*, lamenta só, que *alguem de fóra* venha buscar os teus ossos, não com as mesmas intenções, com que os irmãos da Mizericordia, de Lisboa, iam, d'antes, com trez tumbas, todos os annos, no dia de finados, ao Caes da Forca, mas sim para negociar com elles.

. . . .

Ai! Portu-Cale, Portu-Cale, *quem és, d'onde vens e para onde vaes?!*

Ai! *trincheira infernal*, *trincheira infernal*, quem concebeu, e quem executou a tua obra?!

Ai! milagroso S. João de Lobão, S. João, de Lobão.

M. Lopes.

DUAS PALAVRAS SOBRE A ARBORISAÇÃO DAS DUNAS EM PORTUGAL

E' da *Gazeta da Figueira* o que vae lêr-se, sobre a arborisação das dunas em Portugal:

Uma necessidade impreterivel e ao mesmo tempo um problema difficil de resolver é a fixação e arborisação das dunas do littoral, cuja superficie é relativamente importantissima.

Escriptores abalisados e homens de sciencia teem por muitas vezes demonstrado os enormes prejuizos que a agricultura soffre annualmente com este estado de cousas. Ocioso seria, portanto, repetir aqui argumentos ou pretender apresentar mais uma vez o quadro triste que offerecem aos olhos do viajante essas montanhas de areia, que, lenta mas progressivamente, vão avançando sobre o terreno firme, que hoje é productivo, e que ámanhã se encontrará irremediavelmente perdido.

No entanto, permittam todos os que se interessam pelo bem estar geral que quem tem alguma pratica de arborisação de dunas, por meio de sementeiras de pinhal bravo, diga o que pensa a tal respeito. A difficuldade de arborisar o nosso littoral não provém, actualmente, dos preciosos conhecimentos scientificos ou experimentaes da parte d'aquelles a quem compete planear, dirigir e executar esses arduos serviços. O obice, a grande difficuldade está na falta do dinheiro votado no orçamento do Estado para este fim. Se o paiz podesse dispôr annualmente de 50 contos de réis para se tratar da arborisação das nossas areias incultas e improductivas, pode dizer-se afoutamente, sem receio de errar, que com essa verba deixaria de pairar a aridez e a desolação em 1:000 hectares de duas, d'onde surgiria a verdura, a alegria e sem duvida muita utilidade futura para milhares de familias. Para consumir annualmente aquella quantia não faltariam decerto os materiaes indispensaveis para fixar areias, nem escaceariam empregados florestaes devidamente habilitados e experimentados em longo tirocinio. As experiencias d'este ramo d'arborisação já estão feitas e quem as fechou com chave d'ouro foi o illustrado e distincto silvicultor o sr. Carlos Augusto de Sousa Pimentel, nos annos de 1887 a 1890, nas dunas entre o Liz e o Mondego. Vem a proposito mencionar se que se deve a este digno funccionario o systema ou methodo de sua invenção para se semear—a rego.

E' facilimo fazer nascer o pinheiro bravo nas nossas dunas; o que é custoso é conserval-o em boas condições de desenvolvimento, porque a boa vegetação d'esta arvore em terreno essencialmente pobre exige algum adubo e a grande difficuldade até 1887 consistia em fornecer-lh'o economicamente. Foi este problema florestal resolvido admiravelmente pelo referido silvicultor, mandando abrir regos com um arado, espalhando raspão de pinhal, terra negra ou outro qualquer adubo n'esses regos, para que depois o pinheiro podesse vegetar desafogadamente.

A despeza que se faz com o transporte d'esta adubação é compensada com a menor quantidade de matto que se emprega na sementeira, pois que os regos teem o intervalo de 2 metros e n'este espaço a cobertura não precisa ser tão intensa. Pode mesmo dizer-se que a fixação e sementeira de dunas por este meio é hoje mais economica do que era antigamente esta operação pelo methodo de *semear a lanço*, sem adubação. E para evidenciar quanto o novo systema tem de magnifico, de surprehendente, basta referir-se uma verdade observada por mim ainda não ha muitos dias: é que as sementeiras a rego, feitas ha 6 annos nas dunas Urso e Pedrogão, estão mais desenvolvidas que as que fizeram a lanço ha perto de 30 annos nas mesmas areias, porque as antigas estão rachiticas, a dos pinheiros tem a côr verde-amarello, emquanto que as de 6 annos de edade a que me refiro apresentam a côr verde-negro, estão muito viçosas, teem muita vida, muita saude e promettem bom arvoredo para os nossos descendentes. O contraste é perfeito; e, felizmente, pode Portugal orgulhar-se de já não precisar mandar estudar ao estrangeiro a forma de melhor fixar as suas dunas do littoral.

*

Depois d'escriptas estas linhas, soube que na secção florestal d'Aveiro se tem effectuado em larga escala sementeiras combinadas de penisco e *acacio lophanta* (originaria da Nova Hollanda, pequena arvore de folhas bipinnuladas, oblongas e agudas; flores pequenas, amarellas de enxofre) que teem dado optimo resultado. Dentro de um anno, esta acacia tem adquirido um metro d'altura, quasi sem excepção, e as de dois annos attidgem a mais de dois metros. Estes resultados, aliaz magnificos, devem-se ao zelo e dedicação do distincto silvicultor o sr. Egberto de Magalhães Mesquita, que assim tem contribuido por uma fórma efficaz para a solução de tão importante problema florestal. Consta mais que ao mesmo tempo que o sr. Sousa Pimentel procedia ás suas experiencias a que acima me refiro, entre o Liz e o Mondego, o mesmo sr. Mesquita ensaiava o processo de semear a rego com adubo n'uma pequena área em frente da casa de guarda de S. Jacintho, em Aveiro, ideia que lhe não tinha sido suggerida por pessoa alguma. Fica assim feita justiça a quem ella é devida.

Figueira da Foz—Fevereiro de 95.

Francisco da Silva Franco.

CARTA DE CEIA

12 DE MARÇO DE 1895.

Ao sr. delegado do thesouro do districto da Guarda

Chamamos a attenção de s. ex.ª para o que passamos a narrar:

As novas matrizes prediaes d'este concelho acham-se já, ha mezes, em reclamação. As respectivas reclamações, na maior parte, teem sido feitas e continuam a ser pelos escripturarios da repartição de fazenda, que, valendo-se da sua posição official, exigem avultadas quantias aos pobres contribuintes por tão insignificantes serviços.

Vê-se, pois, que o escrivão de fazenda, ao que parece, connivente na materia, calcou e continua calcando, com manifesto desprezo, a circular emanada da 3.ª repartição da direcção geral das contribuições directas de 4 de abril de 1894, transcripta em circular da repartição de fazenda d'este districto n.° 89 de 9 do mesmo mez, circular esta de que elle e seus subordinados terminantemente declararam ficar scientes. E é tanto o desprezo, ou antes escarneo, que aquelle funccionario faz das instrucções consignadas na alludida circular, que tem á testa da repartição *um irmão e um cunhado* encarregados para fazer os requerimentos para alterações, pretendendo assim illudir os seus superiores, pois que os *dois* são estranhos á repartição e os *benesses* de facil e familiar divisão. Ora historias: circulares. . . . . para quê?

Por ultimo, consta-nos que o escripturario *Zé do 4.°* foi severamente reprehendido pelo seu superior prohibindo-o de fazer reclamações. Caso celebre! Não obstante o pobre do homem ser expulso do *Cofre das meias*, ainda por cima uma pecega d'esta natureza!

Ao passo que os seus collegas e extra-collegas continuam fazendo o que muito bem querem e lhes apetece, sem que haja e soffram a menor admoestação. Santa pandega!

Do ex.mo delegado do thesouro, a quem recorremos, esperamos promptas e rapidas providencias, protestando, desde já, não largar mão do assumpto em quanto não vermos banidos d'uma repartição séria e digna similhantes e horripilantes attentados.

A.

NOTICIAS DIVERSAS

A tempestade—Previsões do Saragoçano—O tufão—Sinistros no mar—Inundações—Importantes prejuizos.—

Não se enganou o endemoninhado Saragoçano nas previsões que fez para esta quinzena. Dizia elle que os quatro primeiros dias do mez seriam de tempo indefinido e que a partir de 5 voltaria o temporal, que se accentuaria no dia 10 com chuvas e ventos violentissimos. O que elle predisse é o que está succedendo.

No sabbado á noite houve quem suppozesse que o tempo ia melhorar e que o Saragoçano fazia um fiasco; com effeito o céu fôra varrido das pesadas nuvens que o encobriam, deixando ver a lua, uma bella lua, e as estrellas em todo o seu esplendor. Projectavam-se grandes passeatas ao campo, para hontem domingo, sob formoso sol que devia resplandecer no azul do nosso invejado céu. Mal cuidavam os que faziam semelhantes projectos que á hora a que a lua estava a prometter-nos bom tempo descia o barometro com uma rapidez incrivel e que se registava já a approximação de nova tempestade vinda de SW. Essa tempestade começou a açoitar Lisboa pela madrugada e de manhã, grande foi a decepção que muita gente sentiu ao deixar a cama, vendo que tinhamos um dia de inverno rigorosissimo. Até ás duas horas da tarde choveu sem interrupção, e d'ahi por diante continuou a chuva com intervallo. De tarde um violentissimo pé de vento causou sérias avarias em terra e afundou grande numero de barcos ahi no nosso Tejo. Por grande fortuna não ha a lamentar desastres pessoaes.

Lourenço Marques.—As noticias que recebemos alcançam a 8 de fevereiro. Sobre os acontecimentos n'aquella cidade, tiramos o seguinte do *Futuro de Lourenço Marques:*

Regressou hontem, 30 de janeiro, do rio Incomati, a bordo da lancha *Bacamarte*, o sr. dr. Napoles, que nos deu as seguintes importantes noticias:—A esquadrilha chegou na terça-feira, 22, pela volta das 5 horas da tarde em frente de Marracuene. Aqui, já tinham chegado as nossas forças ás 3 horas da tarde. Houve grande tiroteio feito pelas nossas forças, que fizeram ao inimigo, alli acampado, não só grandes perdas de vidas como o dispersaram, abandonando as posições. Os nossos soldados estavam satisfeitos e alegres. Não tivemos perda alguma de vidas. Estão-se construindo palhotas para o abrigo das forças. A chuva tem cahido em torrentes. De bordo do *Neves Ferreira* cahiram quatro homens ao mar, mas foram salvos.

No sabbado, 2 de fevereiro, das 4 para as 5 horas da madrugada, foi o acampamento alarmado por um grande tiroteio e por doze atrevidos cafres que eram a guarda avançada d'uma grande *impi* e que penetraram até ao centro do acampamento onde pagaram com as suas vidas este acto de verdadeira bravura, mas só depois de terem praticado algumas victimas. As sentinellas, compostas só de soldados d'Angola, debaixo das ordens do tenente de caçadores 3, Encarnação, ao avistarem alguns cafres approximarem-se da linha, e sendo interrogados respondiam, em bom portuguez, *amigos, camaradas;* e como já tivessem passado as primeiras sentinellas, que já as tinham azagaiado todas, o tenente Encarnação ouvindo as palavras amigos e camaradas, ordenou que não se fizesse fogo, e assim deu logar a que aquelles doze cafres entrassem no acampamento. Originou-se, como era natural, uma grande confusão, as nossas forças tomaram logo posições, formou-se o quadro e defendeu-se o acampamento. Pelo lado que entraram os doze cafres, preparavam-se para os seguirem umas centenas d'elles, quando o capitão Aguiar, notando o plano do inimigo, corajosamente, com a sua companhia, tomou-lhes a entrada, esperando-os a fogo e á baioneta calada, perseguiu-os até pequena distancia e dispersou-os. O tiroteio continuou durante duas horas, não tendo as nossas forças perseguido o inimigo. Dizem os soldados de Angola que, se não fosse a ordem dada pelo tenente Encarnação, os Angolas teriam feito fogo, pois que já do lado do inimigo tinha rompido o fogo sobre elles, e evitariam assim a entrada d'esta primeira força no acampamento. Estes, uma vez dentro, passando proximo dos cavallos, mataram á azagaia o cavallo do major, duas mullas de artilheria e o soldado que alli estava de guarda, mataram mais tres soldados brancos e uns quinze soldados d'Angola, feriram quatro soldados brancos, incluindo o alferes de cavallaria do corpo policial, Antonio Manuel, com uma azagaiada nas costas, que se defendia com o rewolver, falhando-lhe dois tiros, o 2.° sargento de caçadores 3 Manuel Antonio Cavaco, de Inhambane, com uma azagaiada tambem nas costas, dois soldados de caçadores 2 e dezeseis soldados d'Angola, alguns d'estes com ferimentos bem graves: mas, coisa notavel, todos com um coragem inaudita supportaram as operações que, pelos distinctos medicos dr. Arnaldo, dr. Braga e dr. Telles, se procederam, logo que os feridos deram entrada no hospital na madrugada de domingo pela volta da uma hora, tendo chegado em uma lancha a reboque da lancha *Bacamarte*. O numero de mortos inimigos está calculado em 300 approximadamente.

Em 15 de fevereiro.—Não lhes escrevo esta semana porque não tem havido novidades que mereçam ser registadas ahi; a não ser um desforço que o Couceiro, o maluco mais brioso que eu tenho conhecido, tomou hon-

---

142 FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA PARTE

O BARÃO DA SOLEDADE

VI

DESENGANOS DO PODER

A este ponto chegava o barão da Soledade, quando Beltrão se apresentou na sala annunciando outra visita.

— E' certamente o meu procurador com quem tenho de tratar assumptos de importancia, disse o barão, portanto, meus senhores, dispensem-me por um momento de continuar a minha narração, e queiram lêr o resto nas *Memorias.*

Mendoza, que até então não havia encontrado no rosto de Beltrão coisa alguma estranha, cuidou distinguir, n'elle algumas cicatrizes e uma côr impropria dos que nascem em Hespanha. Quando ficou só com André disse-lhe:

— Depois da narração d'estas aventuras, parece-me estar na ilha da Nova-Zelandia, e é tal a força de imaginação, que julgo encontrar em Beltrão vestigios d'aquella raça.

— Ora doutor!

— Aquella côr, aquellas cicatrizes, o olhar duro, o corpo athletico e robusto não lhe recordam o terrivel Taiwaroa?

— Queira lêr as *Memorias.*

— Annúo de boa vontade, meu amigo.

E tomando o manuscripto, buscou a continuação do que o barão acabava de contar-lhe. O velho almirante, estendido no interior da rocha, soltou um grito ao vêr-me e pretendeu abraçar-me, derramando lagrimas, como todo o homem derrama quando encontra um bom amigo no meio do seu infortunio. Estendi-lhe as mãos, ajoelhei-me nos seus pés, e disse-lhe:

— Coragem, meu querido amigo! A providencia não nos desampara!

«E com o punhal cortei-lhe as ligaduras, em quanto lhe contava, com a brevidade possivel, o que acabava de succeder. Depois lancei um olhar assustado para as negras pedras da cova, e vi-as cobertas de pelles, de pennas e de grandes collares formados de dentes de peixe. No chão estava uma lança, varias maças, e um par de pistolas, que o barão guardou immediatamente, por serem suas. Perto havia tambem algumas postas de peixe e pedaços de raiz de feto. Consegui que o barão comesse, apesar da sua repugnancia, uma porção de peixe, e colloquei-me na entrada da caverna para defendel-a. D'alli, avistando Taiwaroa que permanecia guardado á vista por vinte selvagens da tribu de Wenigakan, mandei chamar Wanacoa.

— Taiwaroa é meu pae, disse-me ella.

— A sua vida não corre perigo, respondi-lhe.

— Prometto; mas devemos leval-o pisioneiro, encerral-o na gruta do Kouri e dar ordens atterradoras para evitar qualquer sublevação por parte da sua tribu.

—A tribu diz que em tuas mãos está a sua vida, porque d'ellas sáe o raio.

— Pois faze-lhes saber que protegerei os bons e os que forem fieis ás minhas ordens; mas que á mais leve resistencia, morrerão suas mulheres e filhos e irá pelos ares esta ilha, como foi o nosso navio.

«Wanacoa sahiu da gruta e repetiu em meio da tribu a minha ordem. Apoderou-se o panico dos indigenas. As mulheres correram a esconder-se com seus filhos, e os homens depozeram as armas em signal de submissão e de obediencia. Era desnecessaria a terrivel prova das serpentes. Para aquella ignara gente a morte de Wampu-nfoare tinha sido demonstração innegavel de poder e grandeza.

— Animo, meu querido protector, disse eu ao barão, já que nos encontramos livres e á altura dos deuses e sacerdotes da ilha, captemos as sympathias e o affecto d'esta pobre gente, até que Deus se compadeça de nós e nos dê recursos para abandonarmos esta malfadada terra.

— E se isso não succede, respondeu elle, isto é, se não arriba a esta ilha algum navio, succumbiremos ás mãos dos indigenas ou viveremos os annos que Deus quizer, sem recursos, sem elementos para construir outro navio, portanto sem esperança de tornarmos a ver a familia, a patria, expostos a mil enfermidades e ao rigor do clima! Ah! e a nossa gente? como esquecer o pobre capitão Pierrot, sacrificado pelo infame Taiwaroa? como não vingar a sua morte? Eu enlouqueço, meu querido capitão! Muitas vezes ouvi a La Place e ao proprio Cook, que os neo-zelandezes eram em geral simples e affectuosos; mas quasi podemos affirmar que nunca elles tocaram n'esta ilha.

— Assim creio, sr. barão.

— Não ficou resto algum do nosso bergantim?

— Não sei; mas as chammas despedaçaram-lhe o casco e reduziram a cinzas o apparelho.

«O barão inclinou a cabeça.

— O senhor é moço, disse-me, e póde esperar dias mais prosperos: mas eu sou velho, tenho setenta annos, e se a Providencia não continúa protegendo-me, morrerei em meio d'estas ilhas. Apesar das minhas riquezas, quer a desventura que eu soffra o rigor do exilio!

— Asseguremos primeiro a vida, e pensemos depois no modo de abandonar a ilha para sempre.

— E como ha-de ser?

— Eis a grande difficuldade.

«Algumas lagrimas nos banharam os olhos. Passados os primeiros momentos de abatimento e tristeza, pensei em devolver ao barão o seu fato, para o que inspeccionei todos os recantos do rochedo; effectivamente encontrei-o sem botões e tambem o seu relogio de ouro. Vestiu-se immediatamente, pegou nas pistolas e sahiu commigo da caverna. Se os indigenas soubessem que das quatro pistolas só uma estava carregada, talvez nos assassinassem. Pensando n'isto, reflecti que só poderia salvar-nos um grande arrojo, e recorri a elle. Apenas sahi da cova, dirigi um olhar ameaçador a Taiwaroa, liguei-lhe os braços atraz das costas, e ordenei aos indigenas que o atassem sobre o cavallo da soberana de Wenigakan. Os seus escravos soltaram um rugido.

— Estamos perdidos! disse-me o barão vendo a attitude hostil e ameaçadora que tomava a tribu Taiwaroa.

— Não o creia, respondi-lhe, o mais que receio é ter de sacrificar alguns para subjugar os outros.

«Procurei conter a multidão com ameaças, em quanto o feroz caudilho era estendido sobre o cavallo de sua filha, a qual fez desmontar tres dos cavalleiros da sua guarda, e reservando para si um cavallo, poz á nossa disposição os outros dois. Já iamos emprehender a nossa marcha em direcção á gruta do Kouri, quando ouvi atraz de mim um ruido similhante ao que produz o vento entre as ramadas e vi ao mesmo tempo impallidecer Wanacoa: voltei a cabeça e vi um selvagem agitando a lança e dirigindo-se velozmente ao meu encontro. Ordenei logo aos outros que o prendessem, mas como uns permanecessem immoveis e outros se regosijassem antecipadamente com a idéa da minha morte, afastei-me alguns passos, e apontando a pistola ao peito do indigena, lancei-o por terra. Tornou então a tribu Taiwaroa a dispersar-se pelo bosque. Em seguida montámos a cavallo, e levando Taiwaroa guardado por mais de cem indigenas, encaminhamo-nos á gruta do Kouri. Quando chegámos ao pé da arvore gigantesca, disse a Vanacoa:

—Não tiro as ligaduras a teu pae, porque de certo conhece as sahidas e entradas da gruta.

— Não: só eu as conheço.

— Juras-m'o pela salvação da tua raça?

—E pela memoria de meus penates.

—Pois bem, manda retirar os teus subditos.

«Vanacoa tangeu o clarim, e todos os indigenas, á excepção da guarda que custodiava Taiwaro, se retiraram com presteza. Então mandei cortar, não as cordas que lhe prendiam as mãos, mas as que o amarravam ao cavallo, e agarrando-o por um braço, disse-lhe:

— Conhecerás agora a nossa generosidade

«Pedi então a Vanacoa que nos conduzisse ao interior da gruta, o que fez depois de nos vendar os olhos. Pouco depois repetiu se o som do sino, e a soberana disse-me.

— Arranca a tua venda.

«Obedeci, e observei que o barão e Taiwaroa ainda levavam os olhos tapados. Caminhavamos por uma abobada subterranea, no fim da qual se entrevia um foco luminoso. Chegámos por fim ao mesmo gabinete de verdura que eu tinha visto. Parecia-me tudo isto um sonho agradavel. Vanacoa apressou-se a tirar a venda dos olhos do barão, e quando eu quiz fazer o mesmo a seu pae, prohibiu-m'o por um gesto expressivo. Serviram-nos novos alimentos, e o barão depois da comida mostrou grande empenho de percorrer e inspeccionar a bahia onde tinha ardido o nosso bergantim; e como o meu desejo não fosse menor, reservei para mais tarde a conferencia com Taiwaroa, que rugia de raiva, e pedi a Vanacoa que nos acompanhasse, tornando-a responsavel por seu pae. Accedeu gostosa e sahiu comnosco da gruta. Montámos a cavallo e dirigimo-nos para a bahia. Declinava o sol para o occaso, tingindo de purpura um horisonte diaphano e tranquillo, quando chegámos á costa occidental da ilha. As aves maritimas voavam no espaço e corriam até ao bosque. O ruido das cataractas produzia um estrondo imponente. Todo o encanto da paizagem desappareceu para o barão e para mim quando chegámos á praia, cheia de areias brilhantes, e vimos o bergantim convertido n'um montão destroços. Dominando-nos, para não patentearmos o nosso desespero, afastámo-nos d'aquelle sitio, e saltando para uma das canôas que estavam na praia, remamos em direcção ao logar onde occorrera o desastre. Sobrenadavam á tona d'agua alguns barris. O casco fluctuava aqui e alli, dividido em pedaços, de que os indigenas não tinham querido apoderar-se. Remando com presteza, podémos rehaver quatro barris, dos quaes um estava cheio de genebra e tres de polvora. Colloquei-os com grande trabalho na canôa e examinei o seu conteúdo.

— Não perdemos tudo, disse eu ao barão com grande regosijo.

«E mostrei-lhe alguma polvora pela agua. Todas as peças de ferro da embarcação tinham ido ao fundo. Proximo dos restos do bergantim estava uma canôa, onde encontrámos seis carabinas pertencentes aos nossos marinheiros e salvas pelos indigenas que haviam acudido á pilhagem depois do incendio. Este achado inesperado offerecia-nos meios de resistencia e de defesa em caso necessario.

—Parece-lhe que poderiamos construir um navio extraindo por meio de mergulhadores as peças perdidas, e formando o casco, os mastros e o velame? perguntou-me o barão.

— Se podessemos prover-nos de gente e das ferramentas necessarias, não me comprometteria a fazer um navio commodo e perfeito, mas construiria certamente uma embarcação que manobrasse em meio das ondas mais encrespadas, resistindo aos bancos de areia e aos escolhos d'estes mares.

O barão fitou-me, e disse-me apertando-me a mão:

— Se assim fôra, eu seria o homem mais ditoso da terra!

«Abracei-o com magoa, receando haver feito promessas irealisaveis, e disse a Vanacoa, que nos observava com profunda attenção:

— Se te interessas por nós, faze que doze dos teus escravos guardem noite e dia os restos da nossa embarcação.

«A rainha prometteu-me solemnemente collocar os restos do navio sob a vigilancia da sua guarda e o amparo do grande sacerdote da ilha. Em seguida montámos a cavallo e partimos em direcção da gruta de Kouri, acompanhados por alguns indigenas, que transportaram os barris e as carabinas. Bem felizes fomos de encontral-as, porque n'aquella mesma tarde vimo-nos precisados de rechaçar algumas partidas de selvagens insurgentes, que nos ameaçaram com as suas lanças e fugiram ao estrondo das nossas armas de combate. Mais tarde trouxeram alguns indigenas uma mensagem dos habitantes da ilha, assegurando-nos o seu desejo de submetter-se ao nosso poder. Antes de responder-lhes por meio da soberana Vanacoa, dirigiu-se o barão ao interior do rochedo, e arrancando a Taiwaroa a venda e as ligaduras, disse-lhe:

tem d'uns patifes d'uns estrangeiros, que d'aqui exportam para os jornaes do Transwal e do Cabo as maiores infamias e calumnias, e que, ultimamente, teem descripto o combate do Marraquene como um desastre para nós, devido a culpa dos officiaes portuguezes. O Couceiro, exaltado com a leitura d'esses papeluchos, saiu de casa á paisana, antes d'hontem, sem dizer a ninguem o que projectava fazer, e foi á cidade. Lá procurou um tal Brown, americano e encontrou-o a acabar de almoçar no hotel Central; perguntou-lhe se era elle que tinha uma certa correspondencia, que lhe mostrou, e como elle respondesse affirmativamente, encheu-lhe a cara de bofetadas. O homem não tugiu nem mugiu. D'ahi o Couceiro seguiu para o hotel Internacional, onde estava a jogar o bilhar outro correspondente Sterling, inglez e feitos os avisos previos, atirou-se a elle; o patife quiz defender-se com o taco, mas o Couceiro fez-lh'o saltar da mão com a bengala, e zurziu-o desapiedadamente. Foi depois á loja d'um Gould, tambem inglez, e perguntou-lhe se era verdade que elle escrevia nos jornaes coisas que nos desacreditavam; o homem negou com ar bonacheirão, e o Couceiro deixou-o. Mas logo depois informaram-n'o de que esse Gould era precisamente o mais infame de todos os correspondentes e então o Couceiro voltou á loja, onde o homem estava então sentado tendo ao pé de si uma *moca* sobre uma meza. Deu-lhe uma violentissima bofetada, e o aggredido atirou-se a elle com grande impeto, esquecendo-se de se servir da moca. Luctaram alguns instantes fóra da loja, o Couceiro tropeçou no passeio e caiu, mas com grande agilidade levantou se, e metteu o adversario pela loja d'um visinho, estendeu-o sobre uma meza onde um baneante estava a engommar, e ahi soccou o até não mais. Feito isto retirou-se sem ninguem se atrever a cortar-lhe o passo. Estas proezas fizeram naturalmente grande barulho na cidade, e até muitos estrangeiros *gostaram*. Ao menos já uma coisa se conseguiu. A lenda da *covardia dos portuguezes*, que se ia formando na Africa do Sul, está já desvanecida.—*Y.*

O Eclipse.—Segundo vimos nos almanachs devia ter-se realisado no dia 12 um eclipse total de lua. O programma do espectaculo era o seguinte: Entrada do astro saudoso na penumbra ás 12 h. e 22 m. da m. Entrada do dito na sombra á 1 h. e 17 m. da m. Começo da totalidade ás 2 h. e 15 m. da m. Meio do eclipse ás 3 h. e 3 m. da m. Fim da totalidade ás 3 h. e 50 m. da m. Sahida da lua da sombra ás 5 h. e 43 m. da m. Grandeza do eclipse 1,626 do diametro lunar.

PELO ESTRANGEIRO

Monumento a Bismarck.—Affirma uma folha estrangeira que alguns admiradores de Bismarck formaram seis projectos de erigir nos montes dos Gigantes (Allemanha), por occasião do anniversario do ex-chanceller allemão, um monumento de ferro com o nome do célebre estadista em lettras de ouro. O monumento seria construido sobre o Mittagnstein, rochedo do Sul, sendo então rebaptisado com o nome do rochedo de Bismarck.

Uma historia a respeito de Gambetta.—Toda a gente sabe que Gambetta, quando era rapaz, perdeu o olho direito. Este orgão, faz parte d'uma collecção, que corre o mundo, assim como o craneo e o coração do grande tribuno. Mas ninguem sabe onde elle foi parar. O dr. Cabanés tem feito esforços sobrehumanos para o encontrar, crendo-se que o historico olho se acha em poder dos allemães de quem o grande patriota francez foi o mais irreductivel inimigo. Como perdeu Gambetta o olho? Correm a respeito uma lenda e uma historia verdadeira. A lenda quer que Gambetta se vazasse o olho direito com um canivete para constranger a familia e retiral-o do seminario, das mãos dos padres. Esta lenda, é segundo parece, uma pura invenção. De facto descobriu-se na bibliotheca de Paris um manuscripto de Paul Armand, companheiro e amigo inseparavel de Gambetta, em que se conta que este perdera o olho accidentalmente, n'uma officina de cutelaria que existe em Cahors pegada com a mercearia de seu pae e onde elle ia quasi todos os dias. Uma manhã o operario furava o cabo d'uma faca com uma broca movida por uma especie de arco, quando de subito, a lamina da faca se quebra, penetrando um dos fragmentos no olho direito de Gambetta que então tinha dez annos. Mais tarde, com o decorrer do tempo, o olho de Gambetta attingiu proporções phenomenaes que lhe davam ao rosto uma expressão horreada. O dr. Vecker, tempos depois, e a pedido de varios amigos de Gambetta, procedeu á ablação do olho, que foi substituido por um olho de vidro. Gambetta tinha n'essa epoca 18 annos. O dr. Vecker, mezes depois, remetteu a um dos histologistas mais celebres de esse tempo, o dr. Ivanoff, o olho enublado, dizendo-lhe:

‹Remetto-lhe um objecto que estimo muitissimo. Provém d'um homem chamado a desempenhar mais tarde um papel preponderante na historia da França, e da Europa. Guarde-o pois, com o mais escrupuloso cuidado.›

O dr. Ivanoff morreu, e com elle o inestimavel olho desappareceu.

O filho de um imperador.—Em Niza falleceu na segunda-feira Salvador Iturbide, na edade de 50 annos.

Era filho do imperador Iturbide do Mexico. Foi educado em Pariz, serviu no exercito pontificio e foi official de um regimento de dragões. Desde 1890 que residia em Veneza com a esposa. Não deixa filhos e com elle fica extincta, portanto, a descendencia do célebre imperador mexicano, que se fizera proclamar em 1822 com o nome de Agostinho I, e cujo reinado foi de curta duração, tendo que refugiar-se em 1823 na Italia e depois em Londres, d'onde partira incognito para o Mexico na esperança de se apossar da corôa, sendo, porém, preso logo que chegou e fuzilado em S. Antonio de Padilha.

Cesar Cantu.—Falleceu em Milão o célebre historiador italiano Cesar Cantu. Cesar Cantu era natural de Brivio, onde nascera em 5 de setembre de 1805. Contava, pois, 90 annos incompletos. Aos 18 annos era professor de litteratura na cidade de Ssndrio. D'aqui foi para Como e depois para Milão, onde passou grande parte da sua existencia. Liberal por convicção combateu o dominio da Austria na Italia. O seu livro *Reflexões sobre a historia da Lombardia no seculo XVII*, publicado em 1842, fez com que fosse condemnado pela justiça austriaca a um anno de prisão, pelo presumido delicto de conspiração. Durante o captiveiro escreveu o romance historico *Margarida Pusterla*. Os seus versos, em que o sentimento da independencia nacional se allia a um vivo amor pela Igreja catholica; os seus escriptos sobre litteratura e historia e outros trabalhos que lhe popularisaram o nome, ligou Cesar Cantu á escola romantica fundada na Italia por Manzoni e Silvio Pellico. Mas a sua principal obra é a *Historia universal*, que se acha traduzida em diversas linguas e que é considerada como um monumento, apesar da critica não ser unanime em a apreciar d'esse modo. Tambem escreveu uma *Historia da litteratura italiana* e a *Historia dos cem ultimos annos*, que tambem se acha traduzida em diversas linguas. Cesar Cantu pertencia aos que collocavam no Papado a esperança da grandeza de Italia.

As festas de Kiel.—Ainda com relação á inauguração do canal do Baltico, affirma uma folha estrangeira que Guilherme II, para dar o maior brilho ás festas de Kiel, convidou todos os principes allemães e respectivos sequitos, assim como 500 personagens tanto allemães como estrangeiros, que serão todos hospedados e alojados á sua custa em Berlim e Hamburgo. Os navios de guerra allemães que devem achar-se na enseada de Kiel á chegada das esquadras estrangeiras, ainda não estão escolhidos e é provavel que a escolha não recáia n'aquelles cujos nomes poderiam melindrar as susceptibilidades da França. A esquadra mais numerosa será a da Inglaterra. As da Italia e Austria contarão cada uma cinco navios. A Hespanha enviará quatro; a França e a Russia, tres; a Suecia, dous, e Portugal, um. Parece que a Dinamarca não se fará representar.

Dizem de Kiel que se o mau tempo continúa, não será muito facil que o canal do Baltico se inaugure na data annunciada, pois o frio impede que se terminem as obras necessarias para que os navios possam transpôr o canal e navegal-o em todo o seu comprimento. Entretanto as festas começarão por um banquete offerecido pelo senado de Hamburgo e para o qual convidou Guilherme II e os seus hospedes.

As nações que já acceitaram o convite do imperador da Allemanha são a Hespanha, Portugal, Austria, Italia, Inglaterra, Russia, França, Suecia e Estados-Unidos. A acceitação do Japão dependerá do aspecto que tomarem as negociações de paz com a China. Os navios francezes que se apresentarão em Kiel serão commandados por um contra-almirante.

Os allemães em Lourenço Marques.—Segundo um telegramma de Berlim para o *Morning Post*, o governo allemão decidiu nomear um consul do quadro consular para Lourenço Marques, a fim de substituir o representante consular da Allemanha n'aquella cidade, que é actualmente um commerciante alli estabelecido. Foi escolhido para aquelle cargo o explorador conde Marcus Pfeil. Isto é uma prova do interesse que a Allemanha toma nas questões da Africa do sul.

O casamento de uma millionaria.—A'cerca do casamento de miss Anna Gould com o conde de Castellane, a que nos referimos ha dias, dá o *New-York Herald*, edição de Pariz, interessantes pormenores, dos quaes extractamos os seguintes:

O palacio do irmão da noiva, Jorge Gould, onde se celebrou o casamento, fôra entregue desde a vespera aos ornamentadores. Descarregaram se wagons cheios de rosas e de orchideas, provenientes das estufas situadas entre Boston e Philadelphia, e logo de manhã as paredes e o tecto do vestibulo, da escada, dos salões e dos quartos, appareceram todos cobertos de flôres. Era maravilhosa a ornamentação do salão das Indias orientaes. Um espelho enorme, collocado entre duas janellas, estava coberto com uma tapeçaria purpurina, bordada a ouro, formando no alto um docel, sob o qual estava collocada a cadeira episcopal que monsenhor Corignan, arcebispo de New-York, devia occupar. O percurso do cortejo nupcial que, do salão da musica, devia dirigir-se para o das Indias, era indicado por uma fita de setim branco fixada em plantas floridas. A todo o comprimento d'este percurso notava-se uma verdadeira abobada de flôres de liz, de rosas e orchideas. O lugar que os noivos deviam occupar era encimado por um arco de flôres. Ao pé da escada estava a orchestra por detraz de um renque de palmeiras e fetos arboreos. A ornamentação do palacio era verdadeiramente phantastica. Era compacta a multidão que estacionava em redor do palacio. A policia não podia contel-a e grande numero de pessoas entraram de envolta com os convidados, que eram em numero de 200. Todos os convidados receberam uma caixa de prata contendo *wedding cake*, o bolo nupcial, no qual se liam as iniciaes, em ouro, dos noivos. Aos meninos e meninas de honor foram offerecidos alfinetes com diamantes, com as mesmas iniciaes. A noiva apresentou-se vestida com a sua *toilette* nupcial de setim *ivoire* com mangas largas presas por fios de pérolas. O corpete era guarnecido de rendas antigas com bordados de pérolas. O véu, dado pela marqueza de Castellane, estava preso por flôres de liz. Miss Anna levava na mão um grande ramo de orchideas e apresentára-se na ceremonia com as joias que lhe offerecera o noivo: um annel com diamantes e rubis, uma pulseira de esmeraldas e diamantes, um collar de pérolas e um diadema de esmeraldas, pérolas e rubis. Depois da ceremonia nupcial, os noivos receberam as felicitações de todos os convidados. Em seguida ao *lunch* deixaram o palacio. No momento da partida houve, conforme o uso anglo-americano, uma verdadeira chuva de sapatos e de arroz.

Tragica fatalidade.—No Transwaal occorreu uma serie verdadeiramente tragica de fatalidades, de que resultou a completa extincção da familia de um cultivador transwaaliano. Tres filhos d'este cultivador tinham sahido de casa para ir ter com o pae ao campo em que estava trabalhando. Pelo caminho entretiveram-se a procurar ninhos de passaros pelas fendas das pedras, e todos os tres foram mordidos por uma cobra. Dous expiraram antes que o terceiro podesse alcançar a casa e chamar por soccorro. Como apparecesse a mãe, contou-lhe o que se passára. A pobre mãe, afflicta, quiz erguer o filho e montal-o sobre o cavallo em que ia para mais depressa chegar a casa e applicar-lhe o remedio. Ergueu-o, porém, com tal precipitação, que a creança cahiu para o outro lado, quebrando a cabeça e morrendo da quéda. Louca de dôr, a infeliz entrou em casa e encontrou o quarto filho afogado em uma banheira. A desditosa não pôde resistir a tantos e tão terriveis golpes, e cahiu redondamente morta. Todo este tragico drama verificou-se no espaço de 50 minutos.

Na Africa austral.—Communicam de Pretoria que o general Joubert devia ter tomado posse official da Suazilandia no dia 10. Se o regulo da Suazilandia não se apresentar, será deposto immediatamente. A commissão transvaaliana está acampada na fronteira com artilheria e 1:000 homens de milicia. Grande numero de suazis já fizeram submissão e espera-se que o Transvaal tomará posse do paiz sem grande reluctancia por parte dos indigenas.

Estragos da influenza em Londres.—Para se avaliar dos estragos que a influenza está fazendo em Londres, bastará recorrer ao ultimo boletim sobre a mortalidade. Na semana passada o numero de obitos na grande cidade ascendeu ao numero de 3:246, que excede em 1:412 a média de identica semana nos ultimos dez annos. Segundo a opinião do dr. Forbes Vinslow que foi entrevistado por um redactor da *Westminster Gazette*, essa doença não é só perigosa por si mesmo, pelos seus effeitos directos; sob a sua forma actual, ella desenvolve nos individuos atacados a tendencia para a melancolia, um desejo morbido de solidão e finalmente de suicidio. Segundo declara um telegramma de Londres, o Papa dirigiu um breve aos bispos britannicos para dispensar prescripções de jejum ás pessoas atacadas pela epidemia.

Morte d'um medico illustre.—Morreu em Pariz o doutor Marjolin, cirurgião honorar dos hospitaes, membro associado livre da Academia de Medicina desde 1887. Tinha oitenta e tres annos.

Marjolin, filho do eminente cirurgião d'este nome, professor de pathologia externa na Faculdade de medicina de Paris, era um dos ultimos membros fundadores, vivos, da Sociedade de Cirurgia. Era auctor de numerosas memorias, relativas, a maior parte, a questões especiaes de pathologia externa e medicina operativa.

Os dinamarquezes e as festas de Kiel.—Um jornal de Slesvig entende que, por occasião da inauguração do canal do mar do Norte ao Baltico, se póde dar a eventualidade da restituição voluntaria á Dinamarca da parte septentrional do Slesvig, ou até de todo o Slesvig, invocando para isso o apoio da imperatriz da Allemanha que, como se sabe, é uma princeza da casa de Augustenburgo. Ante estas esperanças, os jornaes allemães tomaram á sua conta os dinamarquezes, dizendo que é preciso fazer-lhes perder de vez tão ingenuas illusões. Continua a asseverar-se que a Dinamarca não tomará parte nas grandes festas de Kiel.

Anarchistas.—Em muitos quarteis de Buda Pesth foram encontrados pamphletos anarchistas. A policia tem procedido a rigorosas pesquizas em casa de alguns anarchistas conhecidos e passou uma busca á redacção do jornal a *Voz do Povo*, onde apprehendeu um manifesto dirigido ao povo hungaro.

Triste fim.—Morreu ha dias em Londres, em miseraveis circumstancias, um homem apparentado com as primeiras familias de França. O conde de Chaffaut, d'uma familia originaria da Borgonha, era *maire* de Sens por occasião da guerra de 1870. Possuia então uma fortuna de muitos milhões. Veiu-lhe a mania das invenções e gastou quanto possuia. Era um poeta de algum merecimento e escreveu um poema anti-republicano, que nunca viu a luz da publicidade.

A catastrophe da mina de Huelva.—O incendio que houve n'esta mina e que occasionou a morte de 25 operarios, foi produzido por uma chispa de locomotiva que pegou fogo a um montão de madeira. As victimas eram das povoações de Calanas, Valverde e Celeno e tres de Portugal. Estes chamavam-se João Rodrigues Vasques, José de Souza Guerreiro e Joaquim da Silva Barba.

A Suazilandia.—Communicam de Pretoria que o general Joubert recebeu já do joven regulo da Suazilandia quatro bois, o que faz suppôr que o chefe dos suazis e os seus indunas ou ministros estão dispostos a acceitar o dominio do Transwaal. Muitos suazis fizeram já acto de submissão no acampamento do general Joubert, o que demonstra que o Transwaal tomará posse pacificamente da Suazilandia, apesar dos despachos pessimistas de origem ingleza.

O degêlo na Hungria.—Em consequencia do rapido derretimento de enormes massas de neve, produziram-se innundações em diversos pontos da Hungria, especialmente no valle de Mares. Romperam-se varios diques, e em muitos sitios as communicações acham-se interrompidas. Os estragos materiaes são consideraveis.

As execuções pela electricidade.—As execuções pela electricidade continuam a ser praticadas nos Estados-Unidos. Ultimamente foi d'este modo justiçado um negro assassino, David Hampton, de 27 annos de edade. Para a execução foi empregada uma forte corrente de 1:740 volte e 8 amperes. O relatorio dos medicos que fizeram a autopsia declara que a morte foi instantanea, mas parece que o desgraçado justiçado teve que soffrer, ainda vivo, as torturas do escalpello, morrendo pela autopsia e não pela electricidade. Substituir os antigos methodos de execução pela autopsia não se pode chamar, certamente, progresso, pelo menos no sentido humanitario.

Morto de fome.—A policia de Paris encontrou na noite de 9 do corrente, cahido na rua do Chateau de Reutiers, um pobre operario, canteiro, que, transportado para um posto de policia, ali declarou estar sem comer havia dois dias, depois de ter passado seis longos mezes de privações, vivendo da caridade publica.

Transportado para o hospital da Pitié, falleceu horas depois d'ali dar entrada.

Viajar a pé.—Entrou ultimamente em S. Petersburgo, no seio da propria familia, o intrepido caminheiro russo Bernoff, que ha annos deixára a terra natal para percorrer o mundo a pé. Quando sahiu de Petersburgo tinha apenas no bolso 5 rublos (4$000). Partiu para Pariz a pé, fazendo nas povoações por onde passava conferencias em russo, francez, allemão ou inglez, quatro linguas que falla egualmente bem. Em Pariz, a vida não lhe decorreu facil ao principio, mas conseguindo ser correspondente de um grande jornal russo, assegurou a vida material, e pôde então continuar as suas viagens pedestres, percorrendo a França toda, as ilhas britannicas, a Suissa, a Hespanha, Argelia, Italia, Belgica, Hollanda, Allemanha e Austria.

Estatisca curiosa.—Acaba de morrer em Vienna d'Austria um individuo de 73 annos de edade que tinha desde os 17 annos um diario onde escrevia minuciosamente todas as suas despezas pessoaes. Esse diario foi encontrado entre a papelada do defunto e contém a estatistica que vae passar a vêr-se. Em 56 annos o auctor usou 85 pares de calças e 74 casacos e colletes; o total das suas contas de alfayate sobe a 8:000$000 réis. O numero das suas camisas elevou-se a 208, e o de collarinhos a 306; o valor d'estes objectos diversos é de réis 300$000. As suas viagens em omnibus ou em tramway custaram 208$000 réis. O capitulo das bebidas, que apenas comprehende um periodo de 15 annos, menciona 38:786 bocks, cerca de 6 por dia. O defunto fumou 628:713 charutos, ou 11:227 por anno, 20 por dia. Entre esses charutos, 43:630 foram-lhe dados; os outros custaram-lhe reis 13:5000$000 pouco mais de 20 réis por charuto. Em compensação, não gastou em toda a sua vida senão 62 pares de piugas. E' verdade que o preço de cada par era de 3:600 réis.

Phenomeno curioso.—Contam os capitães de alguns navios chegados da America ter havido ha dias no alto mar fortes tremores de terra submarina, acompanhados de grande agitação das aguas que n'alguns pontos se elevaram a dezenas de metros de altura.

Os macacos no Brazil.—O jornal italiano *La natura ed arte* refere que um engenhoso fazendeiro do Brazil encontrára um meio de reduzir sensivelmente o preço da mão de obra nas culturas, empregando n'ellas macacos em lugar de negros. A folha italiana acrescenta que o fazendeiro brazileiro habituou pouco a pouco os quadrumanos a fazer a colheita e a preparar o linho e que, presentementel executam o seu trabalho com notave, habilidade, sob a direcção de um simples vigilante, e sendo mais activos que os negros. Se não ha n'isto mystificação, que é o mais certo, temos os macacos a fazer concorrencia ao trabalho do homem, complicando mais as questões sociaes.

Escóla para criados.—Berlim é a unica capital da Europa que possue uma escóla para criados. Este estabelecimento, já foi creado ha dez annos. Os resultados que está produzindo são excellentes, e as familias mais aristocraticas da Allemanha já procuram na nova escóla os servidores que precisam. Recentemente celebrou-se na escóla um concurso, sendo premiados e cosinheiros mais entendido, o mais habil escudeiro, a criada mais habilidosa, etc. Na escóla não só se ensina a lêr e escrever aos criados, mas tudo quanto está em relação com o seu mister, como servir á meza com toda a correcção, trinchar aves, desarrolhar delicadamente uma garrafa de champagne, preparar o chá á moda russa ou ingleza, servir um almoço de garfo, saber barbear e cortar o cabello, emfim todas essas cousas que constituem a superioridade de um criado e que geralmente se fazem pagar por preços elevados. Em Berlim, porém, graças á nova escóla pódem ter-se criados de primeira ordem por salarios modicos. As criadas aprendem alli a limpar os vestigos das senhoras por muito finos que sejam, a passar a ferro e a engommar com perfeição, lavar rendas, a pentear, a costurar, a encerar os soalhos, etc. Criados e criadas fazem estudo especial sobre a maneira de tratar os amos e as suas visitas; do que devem fazer aos dias em que haja em casa algum banquete, sarau ou baile, adquirindo modos que os distinguem e se fazem acceitar em todas as casas.

COMMUNICADOS

UMA CARTA

Ill.mo e ex.mo sr. João Manuel Esteves Junqueira.—Meu presado amigo.—Alguem, mal intencionado, querendo partir os elos da provadissima amizade, que nos prende ha largos annos, fez espalhar, nos centros de *má lingua*,—que tantos por aqui existem!—um montão d'aleivosias, que muito deviam actuar no esclarecido espirito de v. ex.ª, talvez pouco acostumado a soffrer, com resignação christã, os insidiosos ataques da intriga desbragada.

E, como infelizmente se pretende lançar sobre mim, uma suspeição infamante, permittindo-se alguem o direito de suppôr, em v. ex.ª, o personagem que eu viso nos *sueltos*, publicados sob o meu nome, em alguns jornaes, presto venho declarar, com toda a força dos meus pulmões, que, o João Manuel das minhas *correspondencias*, não é v. ex.ª, meu senhor.

Diz-me o coração, já pequeno para abrigar a enormidade de favores, que de v. ex.ª tenho recebido, não ser essencial, á manutenção dos nossos mutuos affectos, estas declarações espalhafatosas e algo theatraes; mas, meu senhor, este procedimento, que a gratidão impõe á minha consciencia, embora não seja hoje apreciado em toda a sua grandeza, ha-de sel-o, quando alguem, mais tarde, fizer o balanço da actual geração d'esta villa, onde eu deverei figurar, pela admiração profundissima, que sempre manifestei, por tudo quanto é grande, heroico e valoroso.

E, meu senhor, já que, obedecendo aos impulsos generosos da minha alma, eu venho tributar-lhe o incenso do meu respeito, seja licito que eu lembre—ahi chega a saudade!—os felizes tempos da nossa mocidade, e a bella camaradagem, que sempre fruimos, durante a nossa estada em Coimbra.

Era eu, então, um chronico calouro,—ai de mim, que já tenho tantos cabellos brancos!—e v. ex.ª, meu senhor, quasi formado, amava doudamente a sua guitarra; e, em noites de luar claro, iamos ambos, duas almas n'um corpo só, até ao Terreiro da Herva, onde v. ex.ª, qual Orpheu, arrastava os animaes, e fazia agitar, de commovidos, os ramos das arvores, com o seu cantar!

Um dia, meu senhor,—como eu me lembro bem!—estava v. ex.ª fazendo uma dissertação ‹*estudo sobre o rheumatismo blemorrhagico, para a boa interpretação do art. 3720 do codigo civil*› quando lá fóra, entre camaradas, rebentou um serio conflicto; e v. ex.ª, então vigoroso e forte, saíu precipitadamente, e, com um só abrir dos seus potentes braços, fez descer a paz por sobre os corpos dos irriquietos contendores. Julguei, n'esse momento, ver em v. ex.ª um rival d'Hercules, segurando o fogoso touro de bréta, que deitava lavaredas pelas ventas, e que, com a enxáda do murro, queria limpar os curraes de Rugias, rei da Elida. E o monumental discurso, que v. ex.ª fez aos vencidos, sob o thema ‹*Vœ victoribus!*›?! Como v. ex.ª conseguiu livrar-se ás alturas de Demosthenes e Cicero, sem precisar que Lactiras e Roscio lhe dessem lições de declamação?!

Emfim, não me permitte a commoção, que me assoberba ao recordar felizes eras, o continuar descrevendo os heroicos feitos de v. ex.ª: limito-me, pois, a desfolhar, sobre as reliquias do passado, um ramo de chrysánthemos, que, no sentir do sr. Ramalho Ortigão, são as flores dos velhos.

Quando o vagar m'o consinta, e a saudade me não importune, escreverei, meu senhor, outra carta, e n'ella constatarei, com o brilho de que puder dispôr, as acrisoladas virtudes de v. ex.ª, a quem me apraz, desde já, comparar ao saudosissimo abbade Pailleur, tão bem bibiographado por madame Abel Ram. E a S. Martinho, vosso patrono, de quem nos diz maravilhas Sulpicio Severo, vos encommendo de todo o coração.

Acceitae, meu senhor, de envolta com as affirmações da minha innocencia, os protestos da minha consideração.

De v. ex.ª
amigo incondicional

Estarreja, 14—3.º—95.

Antonio Augusto Soares d'Albergaria.

SECÇÃO LITTERARIA

UM CONTO DE NAPOLEÃO

Napoleão III, um dia ao almoço, contou-nos a razão porque Napoleão I tinha grande cuidado pelo thesouro publico, e apesar de generoso como Cesar, fôra sempre muito economico. Napoleão era um prodigo, mas o gastador encobria um grande economico. Na sua primeira mocidade viveu com pouco, mas logo que conheceu a viuva de Beaubarnais começou a atirar o dinheiro pelas janellas. Quando partiu para o Egypto, Barras recommendou-o cordealmente a Clary, celebre banqueiro de Marselha. Napoleão apresentou-se a Clary, na occasião em que este recebia a sua correspondencia.

—Sente-se, general, estou ás suas ordens.

Bonaparte entregou-lhe a carta de recommendação, e depois fallaram dos acontecimentos, das guerras presentes e futuras. Notou o general que, depois de ler as cartas, o banqueiro tirava d'ellas as folhas em branco e cuidadosamente as collocava sob uma pedra de marmore.

—General, venha jantar commigo.

Bonaparte surprehendeu-se, calculando que um homem que faz taes economias devia passar muito mal; mas, á falta de melhor e não sendo rico, acceitou o convite.

—Bem, general, até logo.

A' tarde, Bonaparte compareceu pouco lisongeiramente prevenido. A scena, porém, tinha mudado e elle não se admirou pouco entrando n'um magnifico salão illuminado a *giorno*, que dava para uma sala de jantar egualmente deslumbrante. O banqueiro tinha tido tempo e convidára a melhor sociedade de Marselha. Bonaparte ficou encantado, tanto mais que estava com o appetite de um homem que esperava comer mal. O festim, annunciado magestosamente, foi soberbo; a mesa digna de Lucullo, os postres sumptuosos, e os vinhos dos mais finos da França, da Italia e da Hespanha. Levantaram-se da mesa para saborear o café n'um salão oriental que parecia transportado de Constantinopla. Bonaparte, cada vez mais admirado, não pôde reprimir o seu espanto e dirigiu-se ao banqueiro.

—Cidadão, como se explica que de manhã sejaes tão avaro de papel, e á noute tão prodigo com os vossos convidados?

—General, lembrae-vos do que vou dizer-vos; se todas as manhãs eu não aproveitasse o papel em branco de cento e tantas cartas que recebo, não me seria possivel offerecer aos meus convidados um jantar digno d'elles.

Esta lição de economia não foi inutil e o general Bertrand conta que, ainda em Santa Helena, Bonaparte aproveitava o papel em branco da correspondencia que recebia, do mesmo modo que no tempo em que fazia mover milhões de homens e de ouro.

Muitos bilhetes escriptos por elle, contam diversas folhas, tem hoje tanto valor como notas de banco.

Arsenio Houssaye.

LIÇÕES D'INGLEZ

— *My dear sir*, se quer falar uma lingua estrangeira, tome para grammatica uma bonita mulher; é o melhor dos methodos. A pessoa que me dava este concelho era um inglez alto, ruivo, rubicundo, d'olho jovial e gaiato, capitão do exercito de Sua Magestade Britannica, e, a esse tempo, meu commensal de mesa redonda na *Lampreia*. Habitava eu então uma cidade cujo nome importa pouco. N'essa epoca ainda não eram da moda Nice e as outras instancias do litoral, e uma numerosa colonia ingleza estabelecia n'essa localidade os seus quarteis d'inverno. No meu hotel pullulavam familias provenientes de todos os condados do Reino-Unido, e á mesa redonda onde eu, quasi exclusivamente representava a nacionalidade franceza, não se falava senão a lingua de Byron. Desagradava-me sobremaneira não entender palavra da conversação quotidiana, e d'ahi proveiu o meu desejo d'aprender inglez. O conselho, um tanto *shocking* do meu amigo inglez trouxe-me á lembrança uns versos de Henrique Heine do *Intermezzo*.

‹As estrellas falam uma linguagem tão rica e tão formosa que a nenhum philologo é dado entendel-a e nunca mais a esquecerei; serviam-me de grammatica os lindos olhos da minha amada.› Tinha eu vinte e cinco annos, coração sensivel e imaginação romantica, e sorria-me assaz a perspectiva de tomar para grammatica os bellos olhos d'uma linda mulher. Mas onde e como podesse eu deparar com esta *avis rara*? Escusado era pensar no pessoal feminino da mesa do *Lampreia*, composto de respeitaveis matronas contando para cima de quarenta e d'algumas velhas solteironas austeramente angulosas. Admittindo mesmo que alguma d'ellas estivesse disposta a ensinar-me a sua lingua, eu estava certissimo de que não faria progressos, servindo-me de grammaticas tão antigas. Forçoso me era portanto procurar por outro lado a minha aventura. Ora, um bello dia, percorrendo um jornal da localidade, dei com os olhos no seguinte annuncio, inserto na quarta pagina:

‹Mrs. Nancy Wastson, mil Sint-Porcheire. Curso e licções particulares d'Inglez.›

Estas duas linhas, perdidas entre tres columnas d'annuncios, deram-me na vista e fizeram-me trabalhar a imaginação. Nancy! O nome era tentadoramente suggestivo. Colhi informações discretas e vim a saber que Mrs. Watson era mulher dos seus vinte e oito annos, d'origem irlandeza, casada com um gentleman já maduro, corrector de vinhos hespanhoes e de bebidas espirituosas. Satisfeito com este inquerito summario, resolvi procural-a em casa no dia seguinte. A mestra d'inglez morava no extremo de Mail Saint-Porchaire, ao fundo de uma alameda de frondosos platanos, n'uma casita solitaria e d'aspecto mysterioso. A residencia, logo ao primeiro relance, agradou ás minhas predilecções romanescas, e não foi sem uma ligeira emoção que subia as escadas que davam para o primeiro andar. Chegando ao estreito patamar, achei-me em frente d'uma porta, na qual se via fixada uma chapa de latão, tendo gravados o nome e a profissão da dama. Não havia engano e toquei discretamente. Veio abrir-me a porta a propria Mrs. Watson.

Era uma mulher nova, bastante alta, elegante, de cintura delgada e hombros decahidos. O cabello castanho emmoldurava-lhe, em anneis vaporosos, a fronte espaçosa, e os olhos azues escuros, por sobre os ques se arqueavam finas sobrancelhas pretas. O nariz rectilineo, a bacca pequena e desdenhosa davam ao rosto comprido uma expressão de pudor virginal e de retrahimento, que a rigidez do pescoço e a inflexibilidade da cintura accentuavam ainda mais. Trajava saia de seda preta e um corpete cujas amplas pregas nada deixavam adivinhar dos contornos do seio. Mrs. Watson tinha, em todo a sua pessoa, um ar de dignidade, de respeitabilidade, e um porte senhoril que impunham, e, no meu intimo, começava já a pensar que provavelmente não encontraria n'ella a ‹grammatica› de que me fallava o meu amigo capitão. Mas tinha avançado muito para recuar e communiquei-lhe o fim da minha visita.

— Muito bem, disse ella com ligeiro accento britannico, deseja seguir o curso em que ensinó diversos discipulos ou prefere lições particulares?

— Lições particulares, já se vê!

A estas ultimas palavras os seus olhos pudibundos fitaram-se nos meus e, subitamente, no fundo azul da pupilla, entrevi um clarão, a um tempo audacioso e meigo, que apenas perpassou, mas que contrastava singularmente com a reserva da sua physionomia e com a sua imponente attitude. Esse rapido fulgor, que de repente lhe incendiava o iris d'um azul de lago, e que ao mesmo tempo lhe aquecia o rubor das faces, remoçava consideravelmente Mrs. Nancy. Era como que uma larga chapada de sol illuminando uma paisagem, entre duas nuvens. Sob a influencia d'esse electrisante olhar senti de novo cantar dentro em meu peito a esperança, á maneira d'uma abelha que, zumbindo, recolhe á colmeia. Facilmente combinámos as condições pecuniarias e as horas das lições, e no dia seguinte recebi a primeira lição. A minha mestra começou por iniciar me na pronuncia, fazendo-me lêr em voz alta paginas inteiras d'um romance de Walter Scott. O seu methodo, a dizer a verdade, era excellente. Dictava-me um texto inglez de que eu aprendia todas as palavras; depois introduzir habilmente essas palavras n'uma série de perguntas que me fazia e de respostas que eu devia dar-lhe em inglez. Ao cabo de quinze dias d'este exercicio já conseguia conversar um pouco com ella. Estavamos sempre sós; apenas duas ou tres vezes o nosso isolamento foi quebrado por Mr. Watson, que pouco se demorava, fazendo uma apparição rapida, e esquivando-se immediatamente. Este sujeito, baixinho, de suissas sal e pimenta, de olhar vago e de aspecto avelhentado, não impunha muito e eu considerava-o como quantidade sem valor. De resto, a consorte parecia não lhe ligar importancia e tratava-o com manifesta indifferença.

O que ao principio me intimidava, não era, forçado é confessal-o, a existencia d'esse marido quasi sempre ausente, mas sim a reserva pudicamente feroz da minha joven professora. Tinha attitudes de dignidade rigida, bruscos retrahimentos ao menor contacto, que me mantinham a distancia e me atemorisavam. Todavia, ao passo que foi fazendo progressos no estudo da lingua, as nossas conversações foram-se pouco a pouco afastando das banalidades grammaticas e tornaram-se mais familiares. Insensivelmente, foram os assumptos sendo mais pessoaes e, umas vezes por outras, eu arriscava uma phrase sentimental.

N'essas occasiões voltava, por instantes, a entrever nos olhos azues de Nancy Watson essa fugaz scentelha provocante, que desde o primeiro dia me impressionára. Outras vezes ella punha de parte a sua reserva, e proferia uma outra reflexão audaciosa que me deixava attodito. Este mixto de sensualidade e de castidade pudibunda excitava-me e provocava em mim fortes tentações. Era como se ingerisse um sorvete no qual tivessem misturado um ingrediente aphro lisiaco.

Um dia em que ella me fitou por um momento com um dos seus provocantes olhares, para logo em seguida, de olhos baixos, me dirigir uma pergunta escabrosa, perdi a cabeça, agarrei-a pelos braços e puxei-a para mim. Resistiu a principio, mas, ao mesmo tempo que me repellia, as suas mãos continuavam a apertar as minhas. Então inclinei-me mais e toquei-lhe na face com os labios:

— *No, no, do not be wicked!* murmurou ella, mergulhando ousadamente os seus olhos nos meus. Bem me dizia o meu amigo capitão:—Uma bonita mulher é a melhor das grammaticas.

Mercê de Nancy, fiquei sabendo que ser *wicked* significava ter más intenções, e, visto ter ella podido suppor que eu chegaria a taes extremos, inferi eu que ella entrevia, sem grande susto, a possibilidade da queda. Esta reflexão proporcionava-me attrahentes prespectivas e no dia seguinte, mal entrei na sala d'estudo, enlacei audaciosamente Mrs. Watson com os braços e apertei a de encontro ao peito. Em vez de defender-se ella permanecia immovel, com as palpebras semi-cerradas e os labios entreabertos. A tentação era muito forte; abracei-a com mais ardor e senti que se abandonava. Chegára o momento psychologico e eu dispunha-me já a aproveital-o, quando a porta se abriu mansamente e appareceu Mr. Watson, emquanto que Mrs. Nancy recuava com o ar pudibundo até ao vão da janella e eu, para disfarçar, folheava um diccionario. O marido não manifestou nem surpreza, nem colera. Cumprimentou, lançou-me um olhar de soslaio e caminhou direito a mim.

— Peço desculpa de interromper, disse elle fleugmaticamente, mas acabo de concluir agora um negocio vantajoso e, sabendo que o meu amigo é entendedor, pensei fazer-lhe tomar parte na trasacção. Comprei uma pipa de rhum, *genuine rhum from Jamaica*; posso cedel-o por preço muito modico, a cinco francos a garrafa... O senhor ha-de gostar do bom rhum?

— De certo, balbuciei perturbado, eu... ficarei de boa vontade com algumas garrafas.

— Oh!... proseguiu elle, um gentleman como o meu amigo não póde contentar-se com algumas garrafas... Queira ficar com a pipa, que lhe cedo pelo preço do custo... quinhentos francos.

— Mas, objectei. é que...

— Não dispõe de prompto d'essa quantia?... Não tem duvida. Tudo se arranja. Tirou da carteira um papel sellado.

— Queira ter a bondade de me assignar esta lettra a trez mezes de prazo... Entre pessoas de bem uma assignatura vale ouro. Dizia isto cerrando os dentes e olhando-me de revez. Eu tinha perdida totalmente a cabeça. Para evitar o escandalo assignei e dei-me pressa em dirigir-me para a porta... O homunculo guardou cuidadosamente a lettra na carteira, e em seguida, vendo, que na minha atrapalhação, me esquecia o chapeu:

— Espere, gritou-me elle com polidez ironica. Olhe que lhe esquece o chapeu...

Sahi corrido de vergonha,—suspirou o meu amigo Tristão, ao concluir o sua narrativa,—e póde crêr que esta aventura me fez perder para sempre o gosto do estudo das linguas estrangeiras. *André Theuriet.*

CARTA DE LISBOA

15 DE MARÇO DE 1895.

Apesar da serenidade que deseja aparentar o governo, não está bem seguro de que as cousas podem permanecer assim por muitos dias, pois que se arreceia d'acontecimentos graves. Os receios são taes que a guarda municipal tem estado de prevenção e tanto que hontem não deu patrulhas para a cidade senão depois das 9 da noute, e ainda assim não sahiram todas os que deviam sahir. E' preciso confessar que na força publica e principalmente em alguns corpos ha notavel predisposição para um movimento que dê em resultado a mudança do actual estado de cousas. Mau é que não veja isso quem tem, alem de obrigação, necessidade de ver.

— A imprensa da opposição e mais accentuadamente o *Tempo*, orgão do sr. Dias Ferreira, continua a fulminar a reforma administrativa, sendo opinião quasi assente que ella não chega a executar-se—tão monstruosa é.

— El-Rei está já restabelecido. Depois da assignatura que hontem se verificou, e a que não foi nenhum diploma importante, passeiou pela cidade em carro descoberto.

— O *Te-Deum* celebrado em virtude do restabelecimento do sr. conde de Restello foi muito concorrido, não faltando ao acto nenhum dos homens politicos das suas relações, embora de differente grey. Lá estiveram os srs. Luciano de Castro, Marianno de Carvalho, Hintz Ribeiro, João Franco e muitos outros homens notaveis da politica portugueza. Empregados da camara e vereadores não faltou nenhum. Representantes do commercio e da industria muitos, e povo bastante. Templo inteiramente repleto. E' que o conde de Restello é um caracter geralmente sympathico,e mais que sympathico, querido e respeitado.

— E' fóra de duvida que, se a reforma administrativa chegar a executar-se serão extinctos os concelhos de Albergaria-a-Velha, Castello de Paiva, Vallongo, Ilhavo, Macieira de Cambra, Mealhada, Vagos, Oliveira do Bairro, Sever do Vouga, Esposende, Terras de Bouro, Vieira, Alfandega da Fé, Freixo d'Espada-á-Cinta, Carrazeda d'Anciães, Villa Flôr, Vimioso, Oleiros, Proença-a-Nova, S. Vicente da Beira, Villa Velha de Rodam, Villa de Rei, Mira, Miranda do Corvo, Louzã, Pampilhosa, Poiares, Ceia, Manteigas, Figueira de Castello Rodrigo, Monsão, Cerveira, Boticas, Mesão-frio, Murça, Ribeira de Pena, Penaguião, Mondim da Beira, Nellas, Penedono, Sinfães, Taboaço, Tarouca e outros.

— Estão finalmente restabelecidas as relações entre o governo brazileiro e o governo portuguez. O paiz exulta. O governo recebeu ante-hontem um telegramma que diz:

> *Londres, 14, ás 12 h. e 40 m. da t.* — Ministro dos negocios estrangeiros, Lisboa. —O ministro de Inglaterra no Rio de Janeiro acaba de telegraphar que o presidente da republica acceitou a declaração proposta pelo governo inglez. Está, pois, liquidada a questão entre Portugal e o Brazil.—*Soveral.*

E' caso para nos felicitarmos, visto que se entrou na normalidade official de que nunca se teria sahido, se o governo tivesse sabido observar as normas em que não soube manter-se.

Agora segue-se a nomeação de ministro e a partida d'elle. Quem alli nos vae representar é o sr. Thomaz Ribeiro. E' positivo.

— Ha no paiz 70 jornaes que combatem a reforma administrativa e 7 apenas que a defendem. A proporção é muito para notar.

— Consta aqui que o governador civil de Vianna tem praticado alli as maiores atrocidades no recenseamento politico. Tendo feito eleger para a respectiva commissão uns authomatos seus, não ha pouca vergonha que não tenha feito, excluindo só alli mais de 500 individuos que teem direito ao suffragio. São muito boas pessoas os progressistas de Vianna. Outros não teriam tolerado tanto. Em outra parte o sr. Reimáu ter-se-hia contido mais nos limites da decencia e da ordem.

— Ninguem crê que a reforma eleitoral esteja para tão breve como dizem os arautos ministeriaes. Ao assignal-a El-Rei hade pensar um pouco mais, evitando o rompimento com o paiz, que por tal modo appressaria.

— No domingo proximo devem verificar-se dois comicios,o de Bragança, que se não levou a effeito no domingo passado porque o tempo o não permittiu, e o de Odemira para onde já partiu força de cavallaria.

— Corre por aqui, que foi ha dias praticado um enorme escandalo pelo celebrado, *Lyrio pendente*, que deu de mão beijada a um jornalista assalariado por conta do governo para lhe defender os dislates e caucaborradas a construcção das duas dragas, que foram uma para ahi e outra para a Figueira, pela *bagatella* de... **dezoito contos** de réis, isto é, por mais do triplo d'uma proposta, que já havia, e era reputada muito elevada pelo director da hydraulica d'ahi! Uma pouca vergonha sem nome! Um favoritismo descarado... mas tudo vae bem n'este paiz de... cebo!...

— O facto da Relação do Porto haver já resolvido questões no sentido favoravel á ideia de resistencia ao pagamento de impostos, cuja cobrança o parlamento não auctorisou, tem sido justamente apreciado aqui e serve para confirmar o juizo que sempre fiz da illegalidade do pedido. Se todos, como lhes cumpria, tivessem reagido contra a acção do poder, as cousas teriam corrido por modo bem differente.

— A camara municipal de Lisboa resolveu dar o nome de Rua de João de Deus áquella em que actualmente reside o illustre auctor da *Cartilha Maternal*. E' justo.

— E' o sr. Luciano Cordeiro quem vae representar a sociedade de geographia de Lisboa no congresso internacional de Londres.

— Ao digno juiz de direito de Castello de Paiva,sr. Luiz Pereira do Valle, foram concedidos 16 dias de licença,completando com este tempo o praso anterior que lhe havia sido concedido.

— O sr. Antonio Coelho d'Almeida, capitalista, requereu pelo respectivo ministerio patente de introducção, por 10 annos, do fabrico mechanico de ferraduras de cavallos e de cravos para ellas.

— Acaba de fallecer aqui o sr. general Quintino de Macedo, que era uma das esperanças do exercito. Não tinha ainda completado os 63 annos, estava vigoroso, mas uma doença traiçoeira victimou-o em poucos dias. Foi amigo particular de Fontes e seu secretario quando ministro da guerra. Actualmente era um militar e um liberal na sua verdadeira altura, extranho completamente á politica.

— A terceira expedição para Lourenço Marques sáe do Tejo no dia 15 d'abril. Devem conduzil-a dois vapores de grande porte, pois que levará cerca de 2:000 praças.

— Como meio de evitar a introducção de vinhos hespanhoes nas nossas provincias ultramarinas,o governo consultou as estações competentes sobre a conveniencia de lhe augmentar o respectivo imposto.

Sobre o regimen bancario do Porto vae tambem consultar a associação commercial d'aquella cidade e outras estações competentes.

— Foi collocado emfim na direcção dos negocios da justiça o sr. Frederico d'Abreu Gouvêa, collocando-se na direcção da instrucção publica o sr. José d'Azevedo Castello Branco. Verificou-se assim o que já ha dias se dizia.

— O sr. Cypriano Jardim foi afinal nomeado governador da provincia de S. Thomé e Principe. Deve partir para alli no paquete de 22.

— O sr. Antonio Ennes pede que lhe sejam enviadas para Moçambique mais irmãs missionarias, a fim de prestarem serviços n'aquella provincia. Até este notavel inimigo das irmãs da caridade vae reconhecendo o seu prestimo.

— Deu ha pouco entrada no Tejo o vapor *Funchal*, trazendo dos Açores grande quantidade de milho, trigo, bois, e outros generos; e da Madeira vinho, fructa, doces, etc.

— Partiram hoje para Odemira os srs. Alves Correia e Carlos Ferreira, devendo juntar-se-lhes no caminho os srs. Jacintho Nunes e Fialho Libanio. Estes cavalheiros vão tomar parte no comicio de domingo proximo.

— Em consequencia do fallecimento do sr. general Quintino de Macedo, vão ser promovidos: a general de divisão o sr. Palma Velho, e a general de brigada o sr. coronel Luiz Cabral de Miranda, actual commandante do regimento de cavallaria 10.

— O governo concedeu provisoriamente á camara municipal d'Oliveira do Hospital o edificio e dependencias do supprimido convento do Desagravo em Villa Pouca da Beira, para alli estabelecer um hospital. Concedeu tambem á junta de parochia de Villa Pouca da Beira a egreja do mesmo convento, para alli se estabelecer a séde da freguezia.

— Os agricultores de S. Thomé vão receber um auxilio de 450 chins para empregar nos seus trabalhos agricolas. Os seus representantes aqui acabam de combinar isso com o sr. ministro da marinha.

Y.

A' ultima hora.—As noticias que chegam do norte e especialmente as que chegam do Porto inquietam bastante o governo e não deixam tranquilla a côrte, que a final hade convencer-se de que vae mal obtemperando ás sugestões dos seus ministros.

— A camara municipal de Lisboa reunirá proximamente, em sessão extraordinaria, para protestar contra a reforma administrativa. Diz-se que o governo aguarda essa reunião para proceder depois em harmonia com a attitude que a municipalidade adoptar. Naturalmente enforca os vereadores no Caes do Sodré.

— Da-se muita importancia á entrevista que teve logar nas exequias do sr. conde de Restello entre o sr. João Franco e o sr. José Luciano. O sr. João Franco procurou aplanar a resistencia politica do sr. José Luciano. Este declarou manter-se firme na posição tomada. Até lhe disse que o governo desistiria de novas eleições. Esta desistencia, porém, é considerada um estratagema do governo para continuar no poder,facto que não poderá dar-se por muitos dias, segundo se crê.

Y.

CARTA DO PORTO

15 DE MARÇO DE 1895.

Uma semana cheia de sobresaltos. Officiaes inferiores detidos e transferidos, o 18 prompto para marchar, os commandantes dos corpos da guarnição na capital, em fim uma serie ininterrupta de cousas circulando no ar pavorosamente,a que os mais receiosos dão vulto extraordinario e em que os avançados veem a approximação do dia redemptor. A guarda municipal tem estado de prevenção e as patrulhas foram reforçadas! A cidade parece envolta n'um mysterio profundo, correndo os boatos mais assustadores e alarmantes.

— Reune hoje, á noute, o partido progressista para tratar de assumptos urgentes e de interesse para o partido.

— Tem passado mal o esclarecido e honrado escrivão do auditorio na camara ecclesiastica sr. Duarte de Carvalho Motta. Ao illustre enfermo e nosso presado amigo desejamos as mais rapidas e lisongeiras melhoras.

— Partem depois d'amanhã, domingo, para Lisboa, os srs. Ezequiel Vieira de Castro e José Machado Pinto Saraiva, que, como delegados do Centro Commercial do Porto, vão conferenciar com a commissão revisora das pautas ácerca de varias reclamações do commercio.

— Reune ámanhã o Conselho de Previdencia e Soccorro do Instituto de Protecção ás Classes Trabalhadoras, a que preside o sr. conselheiro Augusto Malheiro Dias Guimarães.

— A emigração prosegue desenfreadamente. E' consideravel o numero de passaportes que tem sido concedidos n'estes ultimos dias. A crise de trabalho accentua-se cada vez mais.

— A requisição do sr. administrador de Valença foram presos na estação de Campanhã, José Calvino Lourenço e Antonio Fraga, negociantes na Galliza, em consequencia de serem accusados de haverem burlado varios commerciantes, procurando agora evadir-se. Foram-lhe apprehendidos cêrca de tres contos de réis em notas e metal, e enviados áquelle funccionario.

— Desappareceu um commerciante de mercearia d'esta cidade,estando por esse facto, a requisição dos credores, vigiado o estabelecimento pela policia.

— A Associação Restauradora dos Artistas Portuenses realisa domingo uma sessão solemne para inaugurar o retrato do fallecido e chorado medico e professor dr. Manuel Rodrigues da Silva Pinto, que fôra um dos fundadores d'aquella aggremiação.

R. C.

---

11 da noite.—Terminou ha pouco a reunião do partido progressista, que foi das mais imponentes que aqui se teem realisado. O accordo geral e unanime foi o de oppôr a mais tenaz resistencia, e *por todos os modos* á acção demolidora do governo, que é sem duvida o mais infausto que o paiz tem conhecido.

R. C.

CARTA DA MEALHADA

14 DE MARÇO DE 1895.

Está de luto o nosso prestimoso amigo, o revd.° José Augusto Cerveira Botelho, da Vaccariça, professor da escola elementar d'esta villa, e mui distincto orador sagrado, pelo fallecimento de seu honrado pae, prestante cidadão e abastado proprietario,sr. Antonio Cerveira Botelho.

Este doloroso ivento para a illustre familia e amigos do finado, que eram todos os que o conheciam e apreciavam o seu caracter honesto e honrado, genio cavalheiroso e afavel, era infelizmente esperado, porque ha tempos que uma terrivel enfermidade lhe ia abreviando os dias de vida.

A familia dorida perdeu um chefe do mais estremado amor, cuidado e affecto pelos entes queridos da sua alma, porque não via outra cousa se não a sua esposa, os seus filhos á educação dos quaes dedicou o mais acuzado zelo, conseguindo ordenar tres ecclesiasticos intelligentes e illustrados, e muito estimados e respeitados por estes qualificativos justificadamente merecidos.

O fallecimento do nosso saudoso amigo deu-se no dia 2 do corrente, contando 75 annos de edade. O seu funeral foi concorridissimo, comparecendo tudo o que ha de mais selecto na sua freguezia e concelho. O acompanhamento de casa para a egreja e d'aqui para o cemiterio foi numeroso, levando a chave do caixão o ex.^{mo} administrador do concelho sr. Augusto Eduardo d'Araujo Cerveira e Serra, e acompanhado pelos ex.^{mos} srs. dr. José Lebre, dr. Manuel Pega, José Augusto Salles, Fructuoso Breda, Mauricio Fernandes Pimenta, Guilherme Baptista, Manuel Joaquim Leal, Joaquim Alves de Mello, Joaquim Simões Miranda, etc. Até á egreja tocou a excellente phylarmonica da Mealhada, e da egreja ao cemiterio a da Pampilhosa, ambas ellas por obsequio á familia dorida e homenagem de respeito e consideração ao finado. O elemento clerical foi numerosamente representado, 21 clerigos, e mais assistiriam se o enterro não fosse em dia santo, domingo. Levava a estolla o filho do fallecido, sr. padre José, sendo acolitado á missa cantada por seus irmãos, os revd.^{os} Augusto Cerveira Botelho e Albano Joaquim Cerveira Botelho, este ha pouco vindo de Roma. Foi commoventissimo ver os tres filhos a celebrar aquella missa possuidos da mais pungente e cruciantissima saudade, e as suas, mais que justificadas lagrimas, arrancaram pois eguaes lagrimas a todas as pessoas que assistiram áquelle pungentissimo acto.

A toda a familia do finado endereçâmos as nossas sinceras condolencias.

— Continua a ser a ordem do dia a disparatada reforma administrativa. Este concelho está resolvido a envidar todos os esforços para manter a sua autonomia e independencia, usando do meio de representação, cordata, respeitosa e verdadeira na exposição das razões convincentes que aduz para que seja classificado em 2.ª classe, e estamos certos que hade ser attendido.

V.

CARTA DE PARDILHO'

14 DE MARÇO DE 1895.

Tributo de gratidão e saudade

Na segunda-feira, 18 do corrente, pelas 9 horas da manhã, vae esta freguezia pagar uma divida de gratidão, mandando cantar, por iniciativa do ex.^{mo} sr. abbade Caetano de Pina Rezende e Albano Emilio de Mattos, uma missa por alma da virtuosa esposa do ex.^{mo} sr. Francisco Mattoso Corte Real, para o que vão ser convidados todos os amigos d'aquelle distincto homem de bem, que são aqui em grande numero. Querem assim aquelles dois cavalheiros manifestar ao ex.^{mo} sr. Mattoso, não só o seu sentimento,pela perda irreparavel que soffreu com a morte de sua ex.^{ma} esposa, mas o quanto estão penhorados pelos relevantes serviços por elle prestados a esta freguezia, serviços que todos conservam na memoria e que jámais olvidarão; e n'esta manifestação de saudade e gratidão são acompanhados por todos quantos reconhecem no ex.^{mo} sr. Mattoso as altas qualidades de cidadão prestante e benemerito. Achamos justissima a resolução tomada, e desde que tivemos noticia d'aquillo que tencionavam fazer aquelles ex.^{mos} srs., promettemos o nosso modesto auxilio em tudo que preciso fosse para a sua realisação, porque pertencemos ao numero d'aquelles que nunca esquecerão o que aquelle benemerito cavalheiro tem feito a esta freguezia. Aproveitamos esta occasião para não só testemunhar ao ex.^{mo} sr. Mattoso a nossa admiração, respeito e gratidão, como para lhe enviarmos os nossos sentimentos pela perda de sua extremosa e santa companheira.

João Manuel Saavedra Guedes.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

EDITAL

COMMANDO DO DISTRICTO
DE RECRUTAMENTO E RESERVA N.° 9

FAÇO saber que no dia 21 do mez de abril proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, terá logar a revista de inspecção annual em conformidade com o determinado no artigo 49.° do regulamento para a organisação das reservas de 31 de dezembro de 1891, a todos os reservistas da 1.ª e 2.ª reservas residentes no concelho d'Aveiro.

Todos os reservistas nas indicadas circumstancias deverão reunir-se no edificio da secretaria e quartel do districto em Aveiro, Rua do Caes, no dia e horas marcadas, munidos das respectivas cadernetas militares e com os artigos de fardamento que levaram quando passaram á 1.ª reserva; aquelles que deixarem de comparecer ou faltarem a algum dos preceitos indicados serão punidos, segundo as circumstancias, com as penas comminadas nos artigos 116.°, 117.°, 118, 119.° e 120.° do sobredito regulamento.

Quartel em Aveiro, 11 de março de 1895.

O commandante do districto,
Alfredo Araujo d'Almeida Campos.
Major de infanteria.

MUITA ATTENÇÃO

VENDE-SE uma banca com 12 gavetas propria para um estabelecimento de fazendas ou mercearia ou para cosinha, medindo 2^{m},64 de comprido por 0^{m},80 de altura, assim como 3 varandins de ferro, bonito desenho, proprios para janellas, com 1^{m},7 de largura, por 0^{m},90 de altura, e uma prensa nova de copiador com todos os seus pertences. N'esta redacção se diz.

VENDE-SE

UMA horta á Fonte dos Amores, denominada *Horta do Gravelho*. Quem a pretender dirija-se a Jacintho Agapito Rebocho.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.
O secretario
José Murinello.

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—=(*)=—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA

As pessoas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da boa alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, SARNA, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA

CARIMBOS DE BORRACHA

FAZEM-SE NITIDOS E PERFEITOS

PREÇOS MODICOS

ENCOMMENDAS para as provincias, satisfazem-se na volta do correio e para esta cidade com 5 horas de demora. Com esta brevidade, qualquer pessoa que tenha de vir ao Porto, ainda mesmo que tenha de voltar no proprio dia, pode levar comsigo qualquer carimbo que deseje. Encommendas da provincia não se executam sem prévio pagamento ou responsavel n'esta cidade. Não se mandam amostras sem que mandem 50 réis em sellos

FERREIRINHA & FILHO
130—Rua de Passos Manuel—132
Porto

As pessoas que querem um ***PURGATIVO*** *de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das*
AFAMADAS
PILULAS PURGATIVAS
do Doutor
DEHAUT
de Pariz.
2$50 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o **SELLO** da **UNION DES FABRICANTS** applicado como um sello do correio é uma **FALSIFICAÇÃO** contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*.—Para que o publico tenha conhecimento de quanto na **Fabrica da Fundição do Ouro** se trata *constantemente* de dar ás suas construcções mechanicas, a par da maior solidez e perfeição, toda a possivel elegancia, rogo-lhe o especial favor de mandar publicar no seu importante jornal o attestado que junto envio, o qual muito se recommenda pelo facto de ser passado por um industrial tão auctorisado *e pela circunstancia de nos ter obsequiado com encommenda de 3 importantes caldeiras geradoras de vapor, dentro de tres annos.*

Sou com consideração
De v. etc.
S. C.—Porto e Fundição do Ouro, 31 de janeiro de 1895.
O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

Tendo-me o sr. Luiz Ferreira de Souza Cruz, digno gerente da NOVA COMPANHIA DA FUNDIÇAO DO OURO, fornecido tres caldeiras geradoras de vapor para a minha Fabrica de Tecidos, sita nas Devezas, Villa Nova de Gaya, a 1.ª construida em novembro de 1891, do comprimento de 5^{m},56c. e de diametro interior 1^{m},70c., que principiou a funccionar em julho de 1892; a 2.ª, de egual medida, construida em março do corrente anno e que principiou a funccionar em julho do referido anno; e ainda a 3.ª construida em agosto do anno presente, do comprimento de 4^{m},20 c. e diametro 1^{m},50 c. que principiou a funccionar em outubro p. p. (1894), todas do systema PANTIN; declaro que me dou por completamente satisfeito muito principalmente das duas ultimas, de uma construcção segura e elegante, que honra sobremaneira a fabrica onde foram construidas. Faço tambem conhecido que as duas primeiras estão carimbadas a 7 kilos e a terceira a 8 kilos, pressão a que podem funccionar.

Villa Nova de Gaya, 1 de dezembro de 1894.

(a) *José Mariani.*

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

ARMANDO DA CUNHA AZEVEDO

Rua dos Mercadores, n.° 10—1.° andar

AVEIRO

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado peloConselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos em Belem.Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

NOVIDADE

PORTUGAL E BRAZIL

Apontamentos para a historia do nosso conflicto com a Republica dos Estados Unidos do Brazil

POR

AUGUSTO FORJAZ

Este livro torna-se necessario a todos que quizerem saber dos factos occorridos no Rio de Janeiro e Buenos-Ayres durante a permanencia alli das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, do procedimento dos officiaes da armada Augusto de Castilho e Francisco Oliver, e de tudo quanto se relaciona com o processo d'estes officiaes.

São, entre outros, documentos elucidativos d'este livro, correspondencias de Buenos-Ayres, commentarios dos jornaes *Siècle, Matin, Economista, Seculo, Tarde* e *O Paiz*—manifesto de Saldanha da Gama—Cartas authenticas de Augusto de Castilho e Visconde da Ribeira Brava—Artigos de Rodrigues de Freitas e Conselheiro Martens Ferrão e a «Desaffronta», opinião do governo brazileiro.

PREÇO 200 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias e kiosques de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

Remette-se um exemplar a quem mandar pelo correio em estampilhas 220 réis a Castro & Irmão, Rua do Marechal Saldanha, 31-33.—LISBOA.

SUCCESSO LITTERARIO

A CARTEIRA D'UM LATINO

CHRONICAS, LEGENDAS & CANÇÕES

POR

EMYGDIO D'OLIVEIRA

Um magnifico volume em 8.° grande de 356 paginas, nitidamente impresso, 600 réis. Pelo correio 670 réis.

Deposito: «Livraria Popular Portuense» de Antonio J. Fernandes, 44, Largo dos Loyos, 45, Porto, e em todas as livrarias.

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindástes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.^{mos} compradores.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, pago 10$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CONTRA MILDIO E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

A melhor preparação cuprica para formar com a calda bordaleza o tratamento da mais segura efficacia contra os ataques do Mildio por mais violentos que sejam, tornando inutil o emprego do enxofre simples, como provam á evidencia differentes documentos e um folheto contendo indicações praticas indispensaveis para este tratamento absolutamente efficaz e estampas demonstrativas, o qual se offerece gratis a quem pedir

SULFATO DE COBRE

DE PUREZA GARANTIDA

PULVERIZADORES

Dos melhores auctores de 8$000, 9$000 10$000 réis.
Pedidos á Companhia Portugueza Hygiene; Fabrica a vapor Campo Pequeno, 17,escriptorio,Rocio,59,1.°.

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO. 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico,dito ao (frasco de 100 grammas),io do formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho.sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro; arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modele Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—
Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

ASTHMA E CATARRHO
CURADOS pelos CIGARROS ou PÓS **ESPIC** OPPRESSÕES, TOSSE, DEFLUXOS NEVRALGIAS
Todas Pharmacias, 2 f. a Caixa. — Venda em grosso: 20, rue Saint-Lazare, Paris
EXIGIR a assignatura aqui exarada em cada Cigarro.
MEDALHA DE OURO. — FÓRA CONCURSO

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.° andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

FERRO QUEVENNE Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris.
Cura **Anemia, Pobreza do Sangue, Perdas, Dores de Estomago.**—50 annos de successo.
Exigir em cada frasco de Ferro Quevenne o sello da "UNION des FABRICANTS". 14, r. Beaux-Arts, Paris.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.